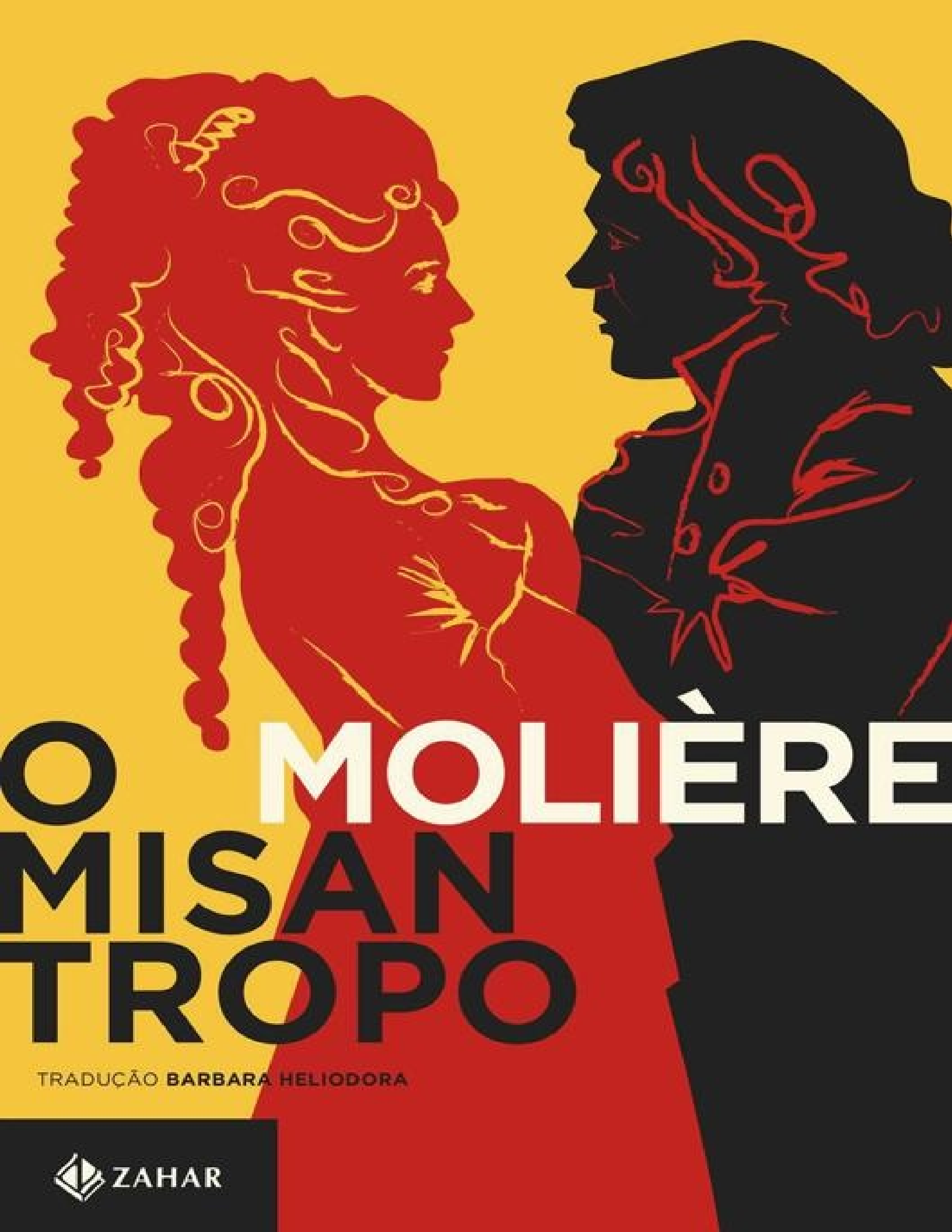


O MISANTROPO

MOLIÈRE

TRADUÇÃO **BARBARA HELIODORA**

ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MOLIÈRE

O MISANTROPO

Tradução e apresentação:
BARBARA HELIODORA

ZAHAR

SUMÁRIO

Apresentação :
“Molière e a comédia de caráter”, por Barbara Heliodora

O MISANTROPO

Lista de personagens
Cronologia: vida e obra de Molière

Apresentação

MOLIÉRE E A COMÉDIA DE CARÁTER

Molière (1622-1673) é um dos maiores talentos que o teatro já conheceu. Isso não significa, no entanto, que sua genialidade tenha sido desde logo reconhecida, ou que sua vida tenha sido fácil. Começando com o Illustre Théâtre quando tinha vinte anos, fracassou e foi até para a cadeia por dívidas. Chegou a um acordo com o pai, que queria fazê-lo seu sucessor como tapeceiro do rei, e obteve certo apoio financeiro em troca de mudar de nome – o inventado Molière preservando a dignidade da família do abandonado Jean-Baptiste Poquelin. Definitivamente entregue ao teatro, teve um precioso aprendizado de quase quinze anos excursionando pela França, como ator, autor e eventualmente chefe de companhia, o que lhe permitiu atuar nas três áreas quando finalmente voltou a Paris.

Só após quase um ano de lutas e modesta sobrevivência é que, em 1659, Molière conquista seu primeiro grande triunfo, com *As preciosas ridículas*, peça na qual ficam já bem marcantes os dois aspectos que, reunidos, estão no âmago de seu sucesso: a capacidade para criar personagens e situações divertidos e observar as fraquezas e/ou vícios do mundo em que vivia. Sem jamais escrever um ataque pessoal a ninguém, é parte da qualidade de Molière a sua afirmação de que nunca quis condenar pessoas, apenas os vícios que se espalhavam pela

sociedade de seu tempo.

Produzindo toda uma série de textos, em sua maioria de alta qualidade, é entre a década de 1660 e sua morte em 1673 que Molière escreve aquelas que serão consideradas suas obras-primas: *A escola de maridos, A escola de mulheres, Tartufo, Don Juan, O misantropo, O médico à força, George Dandin, O avarento, O burguês fidalgo, As sabichonas* e *O doente imaginário*, o que não esgota de forma alguma tudo o que escreveu nesse período. Tendo começado a carreira escrevendo farsas inspiradas nas tramas da *commedia dell'arte*, Molière passa daí à comédia de intriga e à comédia de costumes para, no período áureo, atingir o mais alto nível do gênero cômico, que é a comédia de caráter, que gira não em torno de complicações de enredo mas do caráter e temperamento do protagonista.

Toda a obra de Molière é rica de solidariedade humana e bom senso, mesmo que ele julgasse que - como nada neste mundo está fora do alcance da corrupção humana, e como ser exposto ao ridículo é o melhor caminho para denunciar e corrigir erros e vícios – nenhum tema deve ficar de fora do âmbito da comédia.

Já que não escrevia tragédias, Molière encontrou frestas e caminhos para escapar, ao menos um pouco, do delírio de regras e limitações impostas pelos teóricos e pela Academia Francesa. Nada expressa tão bem as liberdades que tomou quanto sua afirmação de que a regra de todas as regras é que não há regras absolutas, e divertir é o objetivo de toda obra teatral – mas isso não significa que não possa ter conteúdo ou ser profunda.

Em *Tartufo* ou em *O avarento*, não há dúvida quanto à intenção de Molière de corrigir um comportamento condenável – a hipocrisia de Tartufo ou a tolice de Orgonte são erros graves. No caso deste último, é a imperdoável opção por favorecer o beato acima de sua família, estar pronto a deserdar o filho por este querer que o pai enfrente a realidade ou a sacrificar a filha ao obrigá-la a se casar com o hipócrita criminoso,

só por acreditar em seu comportamento ostensivo de piedoso e puritano. Do mesmo modo, no *Avarento* o culto ao dinheiro novamente vê um pai desrespeitando os filhos em benefício de seu vício, perdendo completamente qualquer perspectiva de vida para ter sua caixinha cheia de dinheiro.

Em *O misantropo*, porém, a questão é muito mais sutil, e o protagonista é criticado por levar sua integridade a excessos que prejudicam seu relacionamento com o mundo em que vive. Alceste por certo não merece riso tão forte ou cruel quanto os dois protagonistas acima, porém Molière, com seu exemplar bom senso, mostra o engano da integridade e da indignação moral quando há perda de perspectiva. Só podemos elogiar Alceste quando, sabendo que merece vencer seu "processo", se recusa a pagar o juiz ou procurar amigos que interfiram em seu favor; ele prefere perder o julgamento a contribuir para a corrupção da Justiça.

Essa mesma inflexibilidade, porém, fica exagerada quando Alceste condena Philinte por ser cortês com quem o trata bem na sociedade, ainda que não conheça direito o indivíduo, ou quando insiste em fazer ponto de honra e dizer a Oronte que seu soneto é ruim... É claro que a postura de Alceste não pode admitir o comportamento de Célimène, e Molière desenvolve de forma elegante e divertida o paradoxo de um inflexível como ele se apaixonar por uma namoradeira manipuladora como ela. Alceste, com sua inflexibilidade, acaba isolado e condenável por se sentir um tanto acima dos que fazem concessões mínimas em favor da harmonia no trato social; mas *O misantropo*, quando critica seu protagonista, está, ao mesmo tempo, denunciando maus hábitos da corte e da alta burguesia do tempo de Luís XIV. Até a integridade, em excesso, pode merecer o riso crítico da comédia, mas os vícios continuam merecendo condenação.

BARBARA HELIODORA

Crítica, ensaísta, professora e tradutora, Barbara Heliodora acompanha a atividade teatral há mais de cinco décadas. Considerada a maior autoridade brasileira em William Shakespeare, de quem traduziu a maior parte da obra, foi diretora do antigo SNT (Serviço Nacional de Teatro), professora no Conservatório Nacional de Teatro e professora titular e decana do Centro de Letras e Artes da Uni-Rio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Tem diversos livros publicados e, além de Shakespeare e Molière, traduziu também peças de grandes autores como Tchekhov, Beckett e Beaumarchais.

O MISANTROPO

PERSONAGENS

ALCESTE, apaixonado por Célimène
PHILINTE, amigo de Alceste
ORONTE, apaixonado por Célimène
CÉLIMÈNE, apaixonada por Alceste
ÉLIANTE, prima de Célimène
ARSINOÉ, amiga de Célimène
ACASTE, marquês
CLITANDRE, marquês
BASQUE, criado de Célimène
UM GUARDA da polícia francesa
DU BOIS, criado de Alceste

A ação se passa em Paris.

ATO I

CENA I

Philinte, Alceste

PHILINTE

Então, que tem?

ALCESTE

Deixe-me em paz, por cortesia.

PHILINTE

Mas, afinal, por que toda essa bizarria?

ALCESTE

Vá-se embora, correndo, e busque se esconder.

PHILINTE

Mas antes deve ouvir, se vai se aborrecer.

ALCESTE

Quero me aborrecer, e não quero escutar.

PHILINTE

Seus repentes de raiva eu não sei decifrar;

E, se somos amigos, e está contra mim...

ALCESTE

Eu, seu amigo? Esqueça essa ilusão, enfim!
Toda a vida, até aqui, fiz profissão de sê-lo,
Mas, já que a nova luz eu comecei a vê-lo,
Nossa amizade é coisa já de tempos idos:
Não quero ser amigo de homens corrompidos.

PHILINTE

A seus olhos, Alceste, então eu sou culpado?

ALCESTE

E devia morrer, de tão envergonhado.
Ações assim não há quem possa desculpar;
E a todo homem de bem hão de escandalizar.
Eu o vejo cobrir de afeto um homenzinho,
E dar-lhe testemunho do maior carinho;
São protestos e ofertas de perenes laços,
São juras de amizade a cobri-lo de abraços;
E depois, se pergunto quem é tal sujeito,
Nem sequer do seu nome se lembra direito.
Extingue-se o ardor assim que ele se ausenta,
E me conta que o tolo até o apoquenta.
Por Deus, como é covarde, indigno e condenável
Trair-se e ter a alma assim tão maleável.
Se eu chegasse a tal ponto num' hora de azar,
Só de pura tristeza iria me enforcar.

PHILINTE

Não chego a concordar que isso seja enforcável;
E peço-lhe que aceite eu lhe ser agradável.
Contanto que não passe a chamar-me de omisso
Se eu não for me enforcar, se deixar, só por isso.

ALCESTE

Não vejo no que diz nada que tenha graça.

PHILINTE

Falando sério, então, o que espera que eu faça?

ALCESTE

Que seja sempre honesto e, como homem de bem,
Só diga o que, no peito, o coração contém.

PHILINTE

Se alguém chega e me abraça, com imensa alegria,
É meu dever tratá-lo com igual cortesia,
E responder às suas amabilidades,
Trocar civilidades por civilidades.

ALCESTE

Eu não posso admitir conduta tão leniente,
Que a moda de hoje em dia obriga a toda a gente;
E a nada odeio tanto quanto às contorções
Dos que nos vêm saudar quase que em convulsões,
Produtores afáveis de futilidades
Que, pressurosos, jorram mil frivolidades,

E se batem na busca do elogio vão,
Tratando de igual modo o honesto e o bobalhão.
Que vantagem será em que um homem o estime,
Jurando-lhe respeito e amizade sublime,
E lhe teça elogios de modo gentil,
Se na corte ele diz o mesmo a um imbecil?
Não; pra alma correta não terá sentido
Prezar um sentimento assim prostituído.
Que glória há de ela ter em ser muito louvada,
Se com todo o universo assim é misturada?
A nossa preferência sempre escolhe a alguém:
Quem gosta de todos não gosta de ninguém;
E se tais vícios têm a sua aprovação,
Não posso, então, meu Deus, dar-lhe a minha afeição.
Recuso o coração que é assim complacente,
E que entre o bom e o mau se mostra indiferente.
Quero ter meu valor, e para ser sincero,
Quem ama todo mundo para mim é um zero.

PHILINTE

Ao mundo em que se vive é forçoso ceder,
Ser um pouco gentil pra poder conviver.

ALCESTE

Ao contrário, é preciso punir, sem piedade,
O horrível comércio do aspecto da amizade.
Que os homens sejam homens e que, ao se encontrar,
Mostrem seus corações, na hora de falar,
Falem com quem falar, e que seus sentimentos

Não se escondam jamais em falsos cumprimentos.

PHILINTE

Mas em muitos locais, franqueza desabrida
Podia ser grotesca, nunca permitida.
Às vezes, apesar de seu rigor austero,
Que esconda o que lhe vai no coração espero.
Seria conveniente, ou traria algum bem,
Dizer ao mundo inteiro a opinião que tem?
Quando alguém nos irrita, ou nos causa desgosto,
É correto atirar-lhe a verdade no rosto?

ALCESTE

É.

PHILINTE

O quê? E dizer à senhora Isabela
Que a uma velha vai mal querer fingir que é bela?
E que de seus trejeitos andam todos rindo?

ALCESTE

É claro.

PHILINTE

E a Dorilas que ele nunca é bem-vindo?
Que na corte não há quem não ria e não faça
Ar de tédio quando ele se gaba da raça?

ALCESTE

Exato.

PHILINTE

Está brincando.

ALCESTE

Eu não brinco jamais,
E não posso poupar ninguém em casos tais.
Isso fere os meus olhos, e a corte e a cidade
Ferem-me o fígado com bile em quantidade:
Eu fico com o humor negro, e com rancor profundo
Vendo um homem correto viver num tal mundo.
Só encontro, em toda parte, vil bajulação,
Injustiça, mentira, calúnia e traição;
Eu não aguento mais, desespero, e meu plano
É cortar relações com o gênero humano.

PHILINTE

Dor que assim filosofa, pra mim é selvagem,
E rio do negror que vejo em sua imagem;
Encontrando em nós dois, que crescemos unidos,
Aqueles dois irmãos da "escola de maridos".
E daí...

ALCESTE

Basta de tolas comparações.

PHILINTE

Não; precisa parar com essas agressões.
O mundo, por seus zelos, não vai mudar nada
E já que a franqueza lhe é tão admirada
Sendo franco eu lhe digo que o ódio sem rédea
Aonde se apresenta é tido por comédia,
Seu ódio furioso ao que hoje é diário
Pra muita gente hoje se tornou hilário.

ALCESTE

Que bom! A isso estava a reação propensa:
É muito bom sinal, minha alegria é imensa.
Os homens de hoje em dia a tal ponto eu odeio,
Que não quero ser tido por sábio em seu meio.

PHILINTE

À natureza humana quer assim tão mal?

ALCESTE

Por ela eu concebi aversão infernal.

PHILINTE

E todos os mortais, sem nenhuma exceção,
Estarão incluídos na sua aversão?
Só resta ao nosso século apenas o mal?

ALCESTE

Odeio os homens todos, e ela é total...
Uns por serem desonestos, maus, e safados;

Outros por complacência com os pecados,
Sem sentir pelo mal o ódio vigoroso
Que ao vício deve ter o que é virtuoso.
Dessa tal complacência é exemplo do excesso
A que goza o maldito a quem ora eu processo:
Não há nada que esconda ser ele um traidor;
Em todo lugar sabem ser ele o que for;
Suas palavras doces e os olhos revirados
Iludem, hoje em dia, só recém-chegados.
O grosso, que sabem dever ser destruído,
Por mil golpes sujos, no mundo é promovido,
E por tipos assim, cobertos de esplendor,
Enrubesce a virtude e envergonha o valor.
Se ouve em toda parte só termo que o ofenda,
Sua honra não encontra um só que o defenda;
Se o chamam de infame, calhorda, ladrão,
Estão todos de acordo, ninguém diz que não.
Porém, em toda parte o palhaço é bem-vindo,
Bem acolhido, mesmo que com todos rindo;
Se para um posto alguém deve ser nomeado,
Por ele o mais honesto é sempre superado.
Malditos! Pra mim tais feridas são mortais
Ver tratado o vício com reverências tais;
E por vezes desejo, em um repente insano,
Fugir, em um deserto, do contato humano.

PHILINTE

Meu Deus, sofra menos com a moda da semana,
Perdoe um pouco mais a natureza humana;

Vamos examiná-la com menos rigor,
Sejamos mais gentis até com o pecador.
Deve-se ter, no mundo, virtude tratável;
Para a sabedoria não ser condenável;
Razão perfeita evita radicalidade
E devemos ser sábios com sobriedade.
A rígida virtude dos tempos de outrora
Os usos de hoje em dia desdenha e desdoura;
Deseja dos mortais incrível perfeição:
Devamos ser flexíveis, e sem obstinação.
É loucura que outra não deixa em segundo
Alguém se oferecer pra corrigir o mundo.
Como você eu vejo cem coisas por dia
Que iriam melhor seguindo uma outra via;
Mas, quando pode um com o outro parecer,
Você quer ser carrasco, o que eu não quero ser;
Os homens como são, tranquilo eu aceito,
E acostumei minh'alma a admitir o que é feito;
Eu creio que na corte, como na cidade,
Os nossos fel e fleugma têm igual validade.

ALCESTE

Mas tal fleugma, senhor, que argumenta tão bem,
Será que alguma coisa a provoca, porém?
Poderá ser traído por um companheiro,
Que arme um bom golpe pra tirar seu dinheiro,
Que alguém, em toda parte, o deixe caluniado,
E que, vendo tudo isso, não fique irritado?

PHILINTE

Eu enxergo os defeitos de que fala há anos
Como vícios inatos aos que são humanos;
Porém, meu espírito não é mais ofendido
Por ver um tolo vil, safado e protegido
Que por ver urubu com um cadáver comido,
Macaco quebra-louças, ou lobo enraivecido.

ALCESTE

Hei-de antes trair, retalhar e roubar
Que ser eu... Deus me livre! Eu nem quero falar,
Tal modo impertinente é esse arrazoado.

PHILINTE

Que é isso! É melhor ficar mesmo calado.
Controle um pouco mais a sua convicção,
E dê a seu processo bem mais atenção.

ALCESTE

Não darei um minuto; já está decidido.

PHILINTE

Quem então por você vai fazer o pedido?

ALCESTE

Quem? Mas a razão, o direito, a equidade.

PHILINTE

Ninguém vai visitar o juiz, de verdade?

ALCESTE

Será minha causa injusta ou duvidosa?

PHILINTE

Não é; mas a burocracia é dolorosa,
E...

ALCESTE

Não; e nem um passo eu resolvi não dar.
Tenho razão ou não.

PHILINTE

Não deve confiar.

ALCESTE

Eu não pago ninguém.

PHILINTE

Seu inimigo é forte
E pode, por cabala, lhe trazer...

ALCESTE

Má sorte.

PHILINTE

Está errado.

ALCESTE

Pois bem. Quero ver o sucesso.

PHILINTE

Mas...

ALCESTE

Terei o prazer de perder meu processo.

PHILINTE

Mas enfim...

ALCESTE

Hei de ver, com essa causa tonta,
Se o homem é capaz até de tal afronta,
Se é bastante mau, celerado e perverso
De injustiçar a mim aos olhos do universo.

PHILINTE

Que homem!

ALCESTE

Queria, mesmo com a despesa,
Perder minha causa, só para ver tal beleza.

PHILINTE

Ririam de você, Alceste, com direito,
Só de ouvirem você falar como tem feito.

ALCESTE

Pior para quem ri.

PHILINTE

Mas essa retidão
Que você quer assim, com tanta exatidão,
O certo inabalável que tanto reclama,
Encontra acaso aqui, no local onde ama?
Estando, ao que parece e me deixa espantado,
Co'a natureza humana a tal ponto enrolado,
A despeito de tudo que mais julga odioso,
Logo aqui, encantado, o seu olhar fez pouso;
E o que me surpreende mais ainda, então,
É a estranha escolha que prende o seu coração.
A sincera Éliante se inclina pra você,
A dura Arsinoé com bons olhos o vê:
No entanto, a sua alma a uma e outra é inerte,
Enquanto Célimène, sedutora, o diverte,
Embora com humor coquete e maldizente,
Me pareça ilustrar os usos do presente.
Como, se tem a eles esse ódio mortal,
Concorda que os ostente uma beleza tal?
Deixam de ser defeitos se é bela a pessoa?
Não os vê quando nela? Ou nela os perdoa?

ALCESTE

O amor que sinto por essa viúva bela
Não me cegam aos vícios que eu encontro nela.
E apesar do ardor que me soube provocar

Sou o primeiro a ver, e até a condenar.
Mesmo assim, no entanto, não há o que fazer;
Admito, eu sou fraco e ela me dá prazer.
Eu vejo seus vícios, 'stou sempre a condená-la;
Mas, seja como for, continuo a amá-la;
Mas tem graça, também; e o meu ardor e a calma
Com o tempo hão de purgar de vícios a sua alma.

PHILINTE

Pois se consegue isso não consegue pouco.
E crê que ela o ama?

ALCESTE

É claro, eu não sou louco!
E nem a amaria, se assim não o cresse.

PHILINTE

Mas se o afeto dela tão claro parece,
Por que os seus rivais o deixam irritado?

ALCESTE

O grande amor, eu sei, quer ser só ele amado,
E hoje estou aqui pra dizer, com razão,
Como tudo isso faz sofrer minha paixão.

PHILINTE

Por mim, se o desejar pudesse ser bastante,
Meus suspiros iriam pra prima Éliante;
O seu bom coração é sincero também,

E uma escolha assim certa lhe faria bem.

ALCESTE

É verdade, e o repito a mim mesmo com ardor,
Mas não é a razão que regula o amor.

PHILINTE

Temo que o seu amor, e a esperança em que vive,
Possam...

CENA II

Oronte, Alceste, Philinte

ORONTE

A notícia de que pra compras, já tive,
Éliante já saíra e Célimène não estava;
Mas, ao saber que o senhor aqui se encontrava,
Subi, para dizer, de coração aberto
Que por si uma estima incrível acoberto,
E que por ela há muito eu carrego comigo
O ardente desejo de ser seu amigo.
Meu coração ao mérito é justo, eu lhe digo,
E eu ardo de desejo de ser seu amigo:
Amigo caloroso, e como eu dotado,
'Stou certo não poder jamais ser rejeitado.
É direto ao senhor que eu faço essa prece.

(Nesse momento Alceste parece apenas sonhador, e não compreende

que Oronte fala com ele.)

ALCESTE

A mim, senhor?

ORONTE

A si, ela acaso o aborrece?

ALCESTE

Oh, não; mas a surpresa é tão grande pra mim
Que o inesperado faz que eu a receba assim.

ORONTE

O afeto que goza não pode ser surpresa.
No mundo é quem mais o merece, com certeza.

ALCESTE

Senhor...

ORONTE

Não há nada que não seja inferior
Ao mérito sem par que é visto no senhor.

ALCESTE

Senhor...

ORONTE

Eu mesmo o tenho por mais preferível

A tudo o que na vida eu vi como aprazível.

ALCESTE

Senhor...

ORONTE

Que o céu me arrase, se eu agora minto!
E para confirmar agora o que eu sinto,
Permita que o abrace, de igual para igual,
E que em sua amizade eu possa ter local.
Toque lá, por favor. O senhor me credita
Sua amizade?

ALCESTE

Senhor...

ORONTE

O quê? Inda hesita?

ALCESTE

Senhor, a oferta que me faz é muito honrosa
Mas a amizade deve ser misteriosa,
E certamente há algo de profanação
Buscar introduzi-la em qualquer ocasião.
Só com luz e opção deve ela nascer;
Antes de a termos devemos nos conhecer;
Podemos abrigar, os dois, tais sentimentos
Que nos levem, mais tarde, a arrependimentos;

ORONTE

Por Deus! Com tal sabedoria fala agora
Que inda mais cresce a minha estima nesta hora:
Que caiba ao tempo com doçura cuidar disso,
E até então eu fico todo a seu serviço;
Se acaso precisar na corte algum empenho,
Conhece, junto ao Rei, quanto prestígio tenho;
Ele me ouve; e usa tudo o que eu digo
Agindo com toda a honestidade comigo.
Enfim, quando quiser estou a seu dispor.
Ante essa sua mente de grande esplendor,
Para do início do nó ficar marcada a hora
Vim mostrar-lhe um soneto que fiz ainda agora,
Para saber se crê deva ser divulgado;

ALCESTE

Senhor, para dizê-lo eu são sou indicado;
Disso dispense-me.

ORONTE

Por quê?

ALCESTE

Tenho o defeito
De ser muito sincero onde não é bem feito.

ORONTE

É o que peço, e de mim ouviria lamento
Se, ao lhe pedir que falasse sem fingimento,

Me traísse, e ocultasse uma ressalva, enfim.

ALCESTE

Nesse caso, senhor, estamos bem assim.

ORONTE

Soneto... É um soneto. *A esperança*... É uma dama
Que estimulou os anseios da minha chama.
A esperança... Não são desses versos pomposos,
Mas, sim, versinhos doces, ternos, langorosos.

(Durante todas as interrupções ele observa Alceste.)

ALCESTE

Vamos ver.

ORONTE

A esperança... Não sei se o estilo
Lhe há de parecer bem simples e tranquilo,
E se a escolha dos termos irá aprovar.

ALCESTE

Nós veremos, senhor.

ORONTE

E tenho de informar
Que só gastei um quarto de hora pra escrever.

ALCESTE

Vamos, senhor; o tempo não tem nada a ver.

ORONTE

A esperança, eu sei, consola,
E até nosso tédio ela embala;
Mas, triste Philis, só enrola,
Se nada vem para apoiá-la!

PHILINTE

Com esse pedacinho eu já estou encantado.

ALCESTE

O quê? Que beleza pode ter nele achado?

ORONTE

Vós tivestes boa vontade,
Melhor poupar essa gastança;
Pois pra que prodigalidade
Se ao fim só ganhei esperança.

PHILINTE

Mas que termos galantes nessa passagem.

ALCESTE

(baixo)

Meu Deus! Como pode elogiar tal bobagem?

ORONTE

Se é preciso eterna espera
Para o triunfo do meu zelo,
A mim só restará morrer.
Nem o seu carinho tempera,
Philis, o meu triste desvelo,
Se só esperar posso fazer.

PHILINTE

É belo, amoroso e admirável, o final.

ALCESTE

(baixo)
Que se dane o final! É um lixo infernal,
Com um final assim só vai quebrar a cara!

PHILINTE

Eu nunca vi versos de elaboração tão rara.

ALCESTE

Raios!

ORONTE

Falou para me agradar; e se for...

PHILINTE

Não penso em agradar.

ALCESTE

(baixo)

O que disse, traidor?

ORONTE

Quanto a nós, se lembra do combinado, espero;
E em tudo o que me disser, seja então sincero.

ALCESTE

Senhor, assunto assim é sempre delicado,
Por todo beletrista o aplauso é esperado.
Mas um dia, a alguém cujo nome eu omito
Eu disse, sobre uns versos que havia escrito,
Que o homem precisa saber se controlar
Quando algum frêmito o tenta a versejar;
E deve ter no freio qualquer tentação
Que o leve ao mau passo de tal diversão:
E a fome de mostrar a outros o que escreve
Talvez a alguns papéis lastimáveis o leve.

ORONTE

Senhor, é isso o que deseja me afirmar,
E que eu erro ao querer...

ALCESTE

Fui mal ao me expressar.
Porém, eu disse a ele, que o mal escrito mata,
E que não permitisse que esse fraco abata,
Pois mesmo quem, sem isso, é mais do que dotado

Os outros só veem seu lado fracassado.

ORONTE

Neste momento, então, é o que tem a dizer?

ALCESTE

Não digo isso; mas para não escrever,
Só lhe mostrei como, nestes dias funestos,
Essa fome feriu vários homens honestos.

ORONTE

Então escrevo mal? E a ele eu me assemelho?

ALCESTE

Não é isso que digo; apenas aconselho:
Qual a necessidade que tem de rimar?
Que raios o levam a querer publicar?
Perdoa-se o mau livro apenas, pode crer,
Aos infelizes que publicam pra viver.
Creia-me, e resista enfim à tentação
De revelar a todos tal ocupação;
Não chegue a abandonar, manchando todo o resto,
A fama que na corte tem de homem honesto,
Pra receber da mão de um ávido editor
A de homem risível e péssimo autor.
Isso tentava eu fazê-lo compreender.

ORONTE

Se falou alto e claro, eu posso perceber.

Sobre o soneto, então, não vai me dizer nada?

ALCESTE

Na verdade, deve jogá-lo na privada.
Tomou por modelo, senhor, horrores tais,
Que as suas expressões não soam naturais.
Que é nosso tédio ela embala
Ou *nada vem para apoiá-la?*
Que *mas Philis só enrola*
Se é precisa eterna espera,
Para o triunfo do meu zelo
A mim só resta morrer?
Esse estilo figurado, que hoje é vaidade,
Falseia tanto o caráter quanto a verdade:
É só jogo de palavras e afetação,
E nunca fala assim a natureza, não.
Me assustam maus gostos dos versos dos senhores,
E nossos pais, mais rudes, faziam melhores.
E eu prezo bem menos seu modo de fazer
Que uma velha canção que aqui lhe vou dizer:

Se o rei me tivesse dado
Paris, sua grande cidade,
Tendo eu de botar de lado
De minha amada a amizade,
Eu diria ao rei Henrique:
"Com sua cidade fique;
Eu prefiro a minha amada, viva!
Eu prefiro a minha amada."

A rima não é rica, e o estilo antiquado;

Mas não vê mais valor nesse verso passado
Que em firulas nas quais bom senso mal perdura,
E nos quais a paixão se expressa toda pura?
Se o rei me tivesse dado
Paris, sua grande cidade,
Tendo eu de botar de lado
De minha amada a amizade,
Eu diria ao rei Henrique:
"*Com sua cidade fique;*
Eu prefiro a minha amada, viva!
Eu prefiro a minha amada."

Isso diz um coração deveras amante.

(Para Philinte.)

Sim, o senhor, que ri, apesar de galante,
Gosto bem mais disso que da pompa enfeitada
Da joia falsa que por aí é cantada.

ORONTE
Pois lhe garanto eu que são bons os meus versos.

ALCESTE
E pra isso há de ter motivos bem diversos;
Porém deve achar bom que eu tenha outros, meus,
Que são dispensados de submeter-se aos seus.

ORONTE

A mim basta ver a importância que outros dão...

ALCESTE

É que eles têm a arte de fingir, e eu não.

ORONTE

Crê que de espírito o senhor é tão dotado?

ALCESTE

Louvando os seus versos teria transbordado.

ORONTE

Eu passaria bem sem o seu louvor.

ALCESTE

E vai ter de passar, se me faz o favor.

ORONTE

Gostaria de ver que espécie de gema
Criaria o senhor, usando o mesmo tema.

ALCESTE

Tão ruins quanto esses seus sei que posso escrever;
Cuidando que ninguém jamais os possa ver.

ORONTE

O senhor 'stá bem firme em sua convicção.

ALCESTE

Por aqui o senhor não terá louvação.

ORONTE

Senhorzinho, é melhor não ser tão convencido.

ALCESTE

Eu ajo, senhorzão, segundo o oferecido.

PHILINTE

(Metendo-se entre os dois.)

Chega, meus senhores; por favor, já é hora.

ORONTE

Confesso que agi mal, e já me vou embora.
Seu criado, senhor, de todo coração.

ALCESTE

Seu criado, senhor, em toda ocasião.

CENA III

Philinte, Alceste

PHILINTE

Já viu que ser sincero assim, sem qualquer trave,
O deixa agora a braços com um problema grave;
Eu vi que Oronte, pra ter seu aplauso esperou...

ALCESTE
Chega.

PHILINTE
Mas...

ALCESTE
Pra mim, a sociedade acabou.

PHILINTE
É demais...

ALCESTE
Basta...

PHILINTE
E se...

ALCESTE
Não quero mais falar.

PHILINTE
Por quê?

ALCESTE
Não ouço.

PHILINTE

Mas...

ALCESTE

Ainda?

PHILINTE

É de matar.

ALCESTE

Eu digo que é demais; os meus passos não siga.

PHILINTE

Mas eu não vou deixá-lo só por essa briga.

ATO II

CENA I

Alceste, Célimène

ALCESTE

Senhora, inda mais claro eu devo me exprimir?
A mim não satisfaz o seu modo de agir;
Contr'ele a bílis faz meu peito transbordar,
E sinto que nos faz, por fim, nos separar.
Estaria mentindo sem falar assim;
Cedo ou tarde a ruptura se daria, sim;

E mesmo mil vezes negando o afirmado,
Não seria capaz de cumprir o jurado.

CÉLIMÈNE

Pelo que vejo, então, foi só para brigar
Que até em casa, senhor, me quis acompanhar?

ALCESTE

Eu não quero brigar; porém o seu humor
Concede a qualquer um gozar do seu favor:
Tem amantes demais, gosta deles cercar-se
E meu amor não pode a isso acomodar-se.

CÉLIMÈNE

Por ter admiradores me pensa culpável?
Posso impedir que a mim outros julguem amável?
E a quem se esforça tanto só para me ver,
Botar pra fora a pauladas é o meu dever?

ALCESTE

Não é bastão, senhora, que deve brandir,
Mas sim um coração menos terno exibir.
Seus encantos a seguem por todo lugar,
Mas sempre faz bem-vindo o que lhe cai no olhar;
E as doçuras que mostra aos que suas armas rendem
Junto com seus encantos seus corações prendem.
O sorriso que a esperançosos dá alento
Faz o grupo que a cerca ainda mais atento;
Se menor complacência a eles mostrasse

Talvez corja menor só por si suspirasse.
Mas ao menos, madame, me diga que encanto
Do tal Clitandre agora parece agradar tanto?
Que mérito tem ele, ou virtude sublime
Pra merecer que tanto a senhora o estime?
A unha longa que ele usa no dedinho
Será que conquistou o seu óbvio carinho?
Ou rendeu-se, talvez, com a sociedade inteira
Ao louro brilhante de sua cabeleira?
As fitas nos calções é que a fazem amar?
Ou as pilhas de rendas já dão pra encantar?
É a beleza do cano das botas que brilham
E pra ganhar sua alma a ele escravizam?
Ou o tom de falsete do seu riso alvar
É o segredo que o fez sua alma tocar?

CÉLIMÈNE

Que injustiça sentir-se por ele ofendido!
Não sabe então por que o tenho aqui retido,
E que, por meu processo, ele a mim prometeu
Fazer interessar-se um grande amigo seu?

ALCESTE

Perca seu processo, senhora, co'honradez
Sem entreter rival que ofensas me fez.

CÉLIMÈNE

Porém do mundo todo ciúmes tem tido.

ALCESTE

Só daqueles que vejo ter bem recebido.

CÉLIMÈNE

O que deve acalmar sua alma assustada,
Ao ver-me a simpatia assim tão espalhada;
Teria pois razão pra ficar ofendido
Se me visse o interesse em um só reunido.

ALCESTE

Mas eu, em quem parece o ciúme tão quente,
O que ganho eu a mais, no meio dessa gente?

CÉLIMÈNE

O gozo de saber que o senhor é amado.

ALCESTE

E que razão pr'o crer tem meu peito inflamado?

CÉLIMÈNE

Penso que, com o trabalho que tive em dizê-lo,
Uma tal confissão devia convencê-lo.

ALCESTE

O que me garante que nesse mesmo instante
Não faça a qualquer outro jura semelhante?

CÉLIMÈNE

Para amante a resposta é flor inspiradora,
E faz de mim uma pessoa encantadora.
Pois bem; pra poupá-lo do sofrer, meu amigo,
De tudo que afirmei agora eu me desdigo,
E apenas por si mesmo será enganado:
Bom proveito.

ALCESTE

A amar serei eu obrigado!
Se de si conseguir de volta o coração
Darei bênçãos aos céus por tal satisfação!
Eu jamais o escondo, mas faço o possível
Pr'o peito libertar desse grilhão terrível;
Mas o esforço que fiz não alcançou seu fim,
Pra mal de meus pecados inda a amo assim.

CÉLIMÈNE

O seu ardor, é certo, a nenhum é segundo.

ALCESTE

Bem verdade, e por ele eu desafio o mundo.
Meu amor não se mede em espaço ou em hora,
Ninguém jamais amou quanto eu amo, senhora.

CÉLIMÈNE

É muito original sua forma de amar,
Pois com todos que ama só busca brigar;
Expressa o seu ardor só de forma abusiva,
E ninguém viu jamais paixão tão ofensiva.

ALCESTE

Mas só cabe à senhora acabar tal horror,
Acabemos com tais conflitos, por favor,
De coração aberto façamos sumir...

CENA II

Célimène, Alceste, Basque

CÉLIMÈNE

O que é?

BASQUE

'Stá aí Acaste.

CÉLIMÈNE

Pois faça-o subir.

ALCESTE

O quê? Nunca podemos nós falar sozinhos?
Recebe o dia todo o mundo e seus vizinhos?
Será que um só momento, ao menos, não concebe
Dar ordens pra dizer que hoje não recebe?

CÉLIMÈNE

E quer que com ele, senhor, eu vá brigar?

ALCESTE

Só não se importa, eu vejo, em a mim agradar.

CÉLIMÈNE

Esse é homem que nunca perdoa ninguém
Que algum dia pensou que vê-lo não convém.

ALCESTE

E o que lhe importa isso, pra perturbar-se tanto?

CÉLIMÈNE

Meu Deus! Seu bem-querer eu preciso, garanto;
E outros assim, sem que ninguém saiba a razão,
Conquistaram na corte uma voz de trovão.
Não há festa na qual não consigam entrar;
Se a nós não servem, sabem bem atrapalhar;
Por mais apoio que de outros nós tenhamos
Com os gritos de um desses nós jamais ganhamos.

ALCESTE

Mas seja por que for, por mais que se vá fundo,
Sempre tem razão pra receber todo o mundo;
E as desculpas que encontra para tal mania...

CENA III

Basque, Alceste, Célimène

BASQUE

Clitandre também chegou.

ALCESTE

(Com gestos de partida.)

É como eu dizia.

CÉLIMÈNE

Onde vai?

ALCESTE

Vou sair.

CÉLIMÈNE

Fique.

ALCESTE

Não há razão.

CÉLIMÈNE

Fique.

ALCESTE

Eu não posso.

CÉLIMÈNE

Eu quero.

ALCESTE

Mas eu não.
Tais conversas só servem pra a mim irritar;
Por seu desejo só não posso os suportar.

CÉLIMÈNE

Porém eu quero, eu quero.

ALCESTE

Não dá pra atender.

CÉLIMÈNE

Pois bem; vá-se embora, se isso lhe dá prazer.

CENA IV

Éliante, Philinte, Acaste, Clitandre,
Alceste, Célimène, Basque

ÉLIANTE

Nós encontramos com os dois marqueses na escada;
Sabia?

CÉLIMÈNE

Sim; eu quero um assento para cada.
(Para Alceste.)

Ainda não saiu?

ALCESTE

Não; mas queria, senhora,
Que por eles, ou eu, abrisse a alma agora.

CÉLIMÈNE

Comporte-se.

ALCESTE

Não; hoje tem de se explicar.

CÉLIMÈNE

Está insano.

ALCESTE

Pois sim. Mas vai ter de optar.

CÉLIMÈNE

Ah!

ALCESTE

Terá de escolher.

CÉLIMÈNE

Está brincando, agora.

ALCESTE

Há de escolher; pois eu não aguento a demora.

CLITANDRE

Vim do Louvre; e Cleonte, ao levantar-se o rei,
Um ridículo extremo alcançou, eu direi.
Será que algum amigo, ao seu comportamento,
Não poderá trazer um aprimoramento?

CÉLIMÈNE

Em público, é verdade, ele choca porque
Anda sempre co'aspecto que espanta quem vê.
E ao ser visto de novo, depois da distância,
Parece que aumentou a sua extravagância.

ACASTE

Mas se é pra falar de extravagantes vivos,
Acabo de aturar um dos mais exaustivos:
O falastrão Damon me fez, queira ou não queira,
Deixar por uma hora – e ao sol – minha cadeira.

CÉLIMÈNE

É; tem fala esquisita, e até mesmo dotada
Do poder de falar muito, sem dizer nada;
Em tudo o que ele diz não encontra o ouvido
Nada, nada, sem ser um maldito ruído.

ÉLIANTE

(Para Philinte.)
Não foi mal o começo, e pro que agora vem
A trilha da conversa promete, também.

CLITANDRE

Mas Timante, senhora, é um caráter sério.

CÉLIMÈNE

Mas, da cabeça aos pés, ele é todo um mistério,
Que nos lança, ao passar, um olhar espantado,
E, sem ocupação, está sempre ocupado;
Quando fala a alguém faz careta à vontade,
E, mudando co'a moda espanta a humanidade;
Pra cortar a conversa, com voz sussurrada,
Revela um segredo que, afinal, não é nada;
Do menor dos boatos faz grande estampido,
E até mesmo "Bom dia" só diz ao ouvido.

ACASTE

E Geraldo, senhora?

CÉLIMÈNE

Um verdadeiro horror!
Jamais deixa de agir como um grande senhor;
Em boa conversa se mete, com certeza,
Só pra falar de duque, príncipe ou princesa:
É louco por nobreza e sempre fanfarrão,
Só fala de cavalo, equipagem ou cão;
Se diz ser íntimo de toda a alta escala,
De quem é só "senhor" há tempos que não fala.

CLITANDRE

Consta que com Bélise já tem corte arranjada.

CÉLIMÈNE

Tem cabeça vazia e conversa gelada.
É um martírio, se acaso me vem visitar:
Tiro água de pedra pra ter do que falar;
E a esterilidade da conversa é tal
Que pulando tropeços se escapa ao letal.
Pra combater, enfim, sua burrice muda,
Não há lugar comum que não sirva de ajuda:
O tempo bom, a chuva, o frio e o calor
São fontes que ela esgota com fosco frescor.
No entanto, a visita, que é insuportável,
Tem duração, digamos, mais que lamentável;
Eu lhe pergunto a hora, bocejo grosseira,
E o vejo reagir qual tora de madeira.

ACASTE

Que lhe parece Adraste?

CÉLIMÈNE

O orgulho em puro estado!
O autoamor o deixa eternamente inchado.
Não é suficiente o aplauso da corte;
Todo dia a ataca com ofensa mais forte.
E quando, pr'algum posto, um gênio é escolhido,
Ele espalha boatos de que foi preterido.

CLITANDRE

E o jovem Cléon, que inda hoje vão ver
Do honesto dos honestos, que têm a dizer?

CÉLIMÈNE

Que por seu cozinheiro ficou popular,
E é por sua mesa que o vão visitar.

ÉLIANTE

Faz questão de servir quitutes delicados.

CÉLIMÈNE

Pois bem queria eu que os deixasse intocados;
É prato repulsivo o que o tolo provou,
E que pra mim estraga a festa aonde vou.

PHILINTE

Costumam falar bem de Damis, que é seu primo:
Que diz dele, senhora?

CÉLIMÈNE

Um amigo que estimo.

PHILINTE

O tenho por honesto, e parece bem culto.

CÉLIMÈNE

Mas de tanto querer brilhar é quase estulto.
Não abandona a pose nem por um instante,
Trabalha sem cessar pra ser interessante.
E agora que acredita que é talentoso
Só o muito difícil merece o seu gozo;

Procura ver defeito em tudo o que é escrito,
E gênio como o seu nada acha bonito.
Crendo ser erudito, está sempre a insistir
Não ser dos tolos prontos a louvar e rir;
E reprovar a obra que é feita hoje em dia
Pensa que o coloca acima da maioria;
Até em conversas tem o que desdenhar;
A temas fúteis não pode se rebaixar;
E de braços cruzados, posudo e vaidoso,
Olha o que dizem outros com ar caridoso.

ACASTE

Por Deus, senhora, que o retrato é irreparável.

CLITANDRE

Pra retratar os outros é incomparável.

ALCESTE

Bravos! Em frente, meus amigos cortesãos;
Ninguém os poupe quando vão de mãos em mãos;
Mas nem um só aos que 'stão aqui aparece
Sem que, ao vê-lo, para saudá-lo não se apresse,
Lhe estenda a mão e até o beije com calor
E com elogios jure ser seu servidor.

CLITANDRE

Por que fala de nós? O que o incomoda agora
É repreensão mais indicada pra senhora.

ALCESTE

Não! Aos senhores, cujos risos complacentes
Provocam nela essas tiradas maldizentes.
A sátira de seu humor é alimentada,
Por essas loas de bajulação culpada;
Seu coração seria, eu sei, mais comedido
Se pudesse notar que não era aplaudido.
É preciso de aduladores afastar
Os vícios que entre humanos mais vemos grassar.

PHILINTE

E por que gastam tempo e interesse com gente
Cujos vícios aqui proclamam fortemente?

CÉLIMÈNE

Terá monsieur de sempre nos contradizer?
Ele não pode à voz geral obedecer;
Só pode proclamar por aí, fanfarrão,
O dom que o céu lhe deu de dizer sempre não;
Do que dizem os outros não pode gostar;
Só fala, realmente, pra contrariar,
Teme que o pensem ser um homem qualquer,
Se um dia concordasse com um só, sequer.
Discordar, para ele, é um encanto sem par;
Tamanho que a si mesmo ele chega a atacar;
O que sente em verdade ele muda com zelo,
Se ouve a boca de um outro alguma vez dizê-lo.

ALCESTE

Os que riem, senhora, a aplaudem, enfim;
E ainda mais se a sátira é contra mim.

PHILINTE

Porém o seu espírito, é bem verdade,
Tudo o que ouve dizer ataca com vontade,
Mas por falha triste que não ousa negar,
Palmas nem reparos ele sabe enfrentar.

ALCESTE

É que, raios, nos homens não vejo razão,
Só dizem, lamento, o que está na moda então,
E só encontro sempre, nos seus comentários,
Loas impertinentes e ataques temerários.

CÉLIMÈNE

Mas...

ALCESTE

Não, senhora; aquilo que me faz morrer,
Que eu não posso aturar, sei que lhe dá prazer;
Fazem mal os que vêm sua alma alimentar
Com esses vícios que o mundo só faz condenar.

CLITANDRE

Quanto a mim, sempre disse, com a força do peito,
Que jamais encontrei, na senhora, um defeito.

ACASTE

De graças e atrativos é coberta, então;
E seus defeitos não me atingem a visão.

ALCESTE

Pois a minha atingem e, longe de ocultá-los,
Conhece ela bem meu zelo em condená-los.
O verdadeiro amor não deve elogiar;
E o puro amor explode de não perdoar;
Quanto a mim, baniria amante acovardado,
A meus sentimentos todos escravizado,
E, por não ter rigor, em toda circunstância
Incenso queimaria à minha extravagância.

CÉLIMÈNE

Enfim, quem quiser dar a si seu coração,
Tem de renunciar a mostrar afeição,
E a honra suprema de um amor perfeito
É sempre injuriar a quem guarda em seu peito.

ÉLIANTE

O amor, em geral, não quer lei assim feita,
E em proclamar a escolha o amante se deleita;
Sua paixão não vê na amada o condenável;
O objeto de um amor é sempre doce e amável:
Ele torna todo defeito em perfeição
Com nomes lindos feitos na imaginação;
A pálida é ao branco do jasmim comparável,
A preta assustadora é morena adorável;

A magra é elegante e ainda tem liberdade,
A gorda, por seu porte, é toda majestade;
A que, por andar suja, não é atraente,
Recebe o nome de beleza negligente;
A gigantesca aos olhos é deusa a brilhar,
E a anã compacta o que o céu pode dar;
O peito da orgulhosa merece coroa;
A desonesta é esperta, e a pateta é boa;
A tagarela encanta com o seu bom humor,
E a mudez encobre um honesto pudor.
É assim que o amante, com o amor em chama,
Gosta até dos defeitos daqueles que ama.

ALCESTE

Quanto a mim, defendo...

CÉLIMÈNE

Já chega disso, eu creio,
E pela galeria façamos um passeio.
Senhores, vão partir?

CLITANDRE e ACASTE

Senhora, ainda não.

ALCESTE

E faz-lhe mal à alma saber que eles se vão.
Partam quando quiserem; mas fique sabido
Que eu só vou depois que tiverem saído.

ACASTE

A não ser que a senhora fique importunada,
Hoje longe daqui não me requesta nada.

CLITANDRE

Quanto a mim, des'que possa ir ver deitar-se o rei,
De mais compromissos realmente não sei.

CÉLIMÈNE

Mas é de fazer rir.

ALCESTE

Nem pensar; quero ver
De qual de nós safar-se antes vai querer.

CENA V

Basque, Alceste, Célimène, Éliante,
Acaste, Philinte, Clitandre

BASQUE

Senhor, 'stá aí um homem que lhe quer falar,
Sobre assunto, diz ele, que não pode adiar.

ALCESTE

Diga-lhe que não tenho assuntos apressados.

BASQUE

Ele enverga jaqueta de punhos dobrados,
Com ouro nos detalhes.

CÉLIMÈNE

Vá logo atender,

Ou faça-o entrar.

ALCESTE

Se é o que lhe dá prazer?
Entre, senhor.

CENA VI

Guarda, Alceste, Célimène, Éliante,
Acaste, Philinte, Clitandre

GUARDA

Uma palavra me faz vir.

ALCESTE

Pode falar alto, senhor, pra me instruir.

GUARDA

Meus comandantes, os senhores marechais,
Ordenam que venha encontrá-los, sem mais,
Meu senhor.

ALCESTE

Quem? Eu?

GUARDA

O senhor.

ALCESTE

Por que razão?

PHILINTE

É o caso que tem com Oronte, o bobalhão.

CÉLIMÈNE

Como é?

PHILINTE

Foi a briga que entre os dois esquentou,
Por uns versinhos de que ele não gostou;
E tentam abafar o caso onde nasceu.

ALCESTE

Mas nem covarde nem complacente sou eu.

PHILINTE

Tem de obedecer essa ordem. Vá tentar...

ALCESTE

Que arreglo entre nós dois poderão consumar?

A voz desses senhores, crê, então, me obriga
A achar muito bons os versinhos da briga?
Não me desdigo, juro, da palavra dada;
Julgo-os maus.

PHILINTE

Uma palavra delicada...

ALCESTE

Não mudo, e pronto; a versalhada é execrável.

PHILINTE

Dê a seu sentimento um modo mais tratável.
Como é; vamos!

ALCESTE

Mas nada poderá fazer
Que eu me desdiga.

PHILINTE

Mas tem de comparecer.

ALCESTE

Se uma ordem direta do rei não chegar
De achar bons os versos por que se vai lutar,
Pra sempre afirmarei que eles só têm defeitos,
E deve o autor morrer tão logo estejam feitos.

(A Clitandre e Acaste, que riem.)

Danem-se; senhores, eu não pensava ser
Tão divertido.

CÉLIMÈNE

Vá logo comparecer
Onde deve.

ALCESTE

Já vou, senhora; e acabado
Eu voltarei, pra esgotar o disputado.

ATO III

CENA I

Clitandre, Acaste

CLITANDRE

Caro marquês, vejo-te a alma satisfeita,
Tudo o que vê te alegra, nada é desfeita.
Na verdade vês tu, sem olhar deslumbrado,
Razões pra de tal modo mostrar-se alegrado?

ACASTE

Valha-me Deus! Eu não vejo, ao me examinar,

Qualquer razão para minh'alma se queixar.
Sou rico, sou jovem, e de um sangue sou vindo
Que ao proclamar-se nobre não está mentindo;
Com a alta classe, creio, que tenho por raça
É rara a atividade que a mim embaraça;
E quanto ao coração, nossa atenção mais alta,
Todos sabem que a mim, esse nunca fez falta,
E todos sabem que, para no amor brilhar,
Com vigor e alegria sei me comportar.
Espírito tenho muito, e quanto ao bom gosto,
Julgo sem estudo, e sempre entendo o exposto,
Em dia com as novidades que eu idolatro,
Uso ar de sábio na plateia do teatro,
E qual líder faço que gritem todos, lá
Em todo o canto onde antes só ouvia "Ah!"
Sou muito hábil, tenho aspecto interessante,
Muito bons dentes, de corpo sou elegante.
Quanto a apresentar-me bem, sem presunção,
Não creio que ninguém proponha discussão.
Creio-me estimado o quanto se possa ser,
Gozo de mulheres, sou mestre bem-querer.
Com tudo isso posso crer, marquês amigo,
Que qualquer um pode estar contente consigo.

CLITANDRE

Mas tendo por aí tantas conquistas fúteis,
Por que soltar aqui suspiros tão inúteis?

ACASTE

Eu? Ora essa! Sou bem capaz, com certeza,
De numa moça bela acabar com a frieza.
É ao de méritos vulgares, mal talhado,
Que queima por belezas rígidas, coitado,
Que definha a seus pés e atura os maus encantos,
A buscar, onde pode, ajuda pra seus prantos,
E tentar, com dores de corte prolongada,
Obter o que se nega à mente mal dotada.
Porém a gente como eu, marquês, nunca se mete
Em amor a crédito ou a pagar frete.
Por raros que sejam os méritos das belas,
Creio, por Deus, ter o mesmo valor que elas,
E pra valer um coração como é o meu,
Não há razão pra não lhe custar nada o meu.
E que pr'os dois ficarem com pesos iguais,
É preciso que avancem com fretes iguais.

CLITANDRE

O marquês pensa que é aqui apreciado?

ACASTE

Tenho razões, marquês, pra ter assim pensado.

CLITANDRE

Creia-me; é melhor de tal erro se afastar,
Pois está se enganando, e assim vai se cegar.

ACASTE

Verdade; eu me engano e me cego, com efeito.

CLITANDRE

E o que o faz crer ser felizardo tão perfeito?

ACASTE

Me iludo.

CLITANDRE

E quais as bases pra tal conjectura?

ACASTE

Me cego.

CLITANDRE

E já teve alguma prova segura?

ACASTE

Me engano, disse.

CLITANDRE

E da sua dedicação
Célimène mostrou-lhe alguma aprovação?

ACASTE

Sou maltratado.

CLITANDRE

Por favor, responda sério.

ACASTE

Sou repudiado.

CLITANDRE

Esqueça esse despautério,
E diga-me só que estímulo lhe foi dado.

ACASTE

Sou perdedor e é o senhor o afortunado:
Pela minha pessoa há uma aversão sem par,
E qualquer dia desses irei me enforcar.

CLITANDRE

Não quer, marquês, fazer um acordo mútuo, pois
Um franco entendimento é que serve a nós dois?
Se um de nós mostrar indício, com razão,
De Célimène ter conquistado o coração,
Cede o lugar ao outro e se dá por vencido,
E a livra assim de um rival intrometido?

ACASTE

Ora viva! Me agrada essa sua proposta,
E desde logo aceito entrar na sua aposta.
Mas, pssst!

CENA II

Célimène, Acaste, Clitandre

CÉLIMÈNE

Ainda aqui?

CLITANDRE

O amor nos retém.

CÉLIMÈNE

Ouvi uma carruagem que nos traz alguém:
Sabem quem é?

CLITANDRE

Eu não.

CENA III

Basque, Célimène, Acaste, Clitandre

BASQUE

Arsinoé, senhora,
Vem vê-la.

CÉLIMÈNE

Mas o que pode ela querer, a essa hora?

BASQUE

Éliante, lá embaixo, está a entretê-la.

CÉLIMÈNE

E o que será, meu Deus, que pôde aqui trazê-la?

ACASTE

Solteira e puritana, por onde ela passa,
Com seu zelo...

CÉLIMÈNE

Já sei; todo mundo faz graça:
De alma ela é mundana; e doces sonhos tem
De agarrar qualquer um, mas sem pegar ninguém.
É incapaz de ver, sem ser com grande inveja,
O amante declarado que a outra corteja;
Co'os méritos que tem, agora abandonada,
Ignorada do mundo, está sempre zangada.
Ela tenta enganar, com um véu de pudica,
Mas todos podem ver a solidão que fica;
E pra salvar a honra do que inda lhe resta,
Diz que é crime o encanto, e que o charme não presta.
Mesmo assim um amante agradaria à dama,
E a Alceste mesmo ela quase que ama.
O que atrai em mim nela se torna ultraje;
E é por julgar que eu a roubei que assim age.
Seu despeito e o ciúme, que ela mal esconde,
Transpiram contra mim, sem que lhe importe onde.
Enfim, com essa tolice à enésima potência,
Na minha opinião é grande impertinência,
E...

CENA IV

Arsinoé, Célimène

CÉLIMÈNE

Que honroso acaso a traz a este meu cantinho?
Sentia a sua falta neste minutinho.

ARSINOÉ

Vim pra dizer-lhe o que parece meu dever.

CÉLIMÈNE

Meu Deus! E eu contente apenas por a ver!

ARSINOÉ

A saída de todos foi bem conveniente.

CÉLIMÈNE

Não quer sentar-se?

ARSINOÉ

De pé mesmo estou contente,
Senhora. É dever da amizade se mostrar
Nas coisas que, entre todas, devem importar;
E como não sei de ponto mais importante
Que os que falam de honra e bom nome constante,
Venho por algo que lhe afeta a probidade,
Por testemunho de minha grande amizade.
Ontem, em casa de gente virtuosa,

A seu respeito ouvi matéria desonrosa;
E, lá, sua conduta, assim tão exibida,
Eu lamento, senhora, não foi aplaudida.
Toda essa multidão que aceita receber,
Sua galanteria que a põe a ferver,
Recebeu mais censura que merecia,
E bem mais rigorosa que eu desejaria.
Fiz o possível pra tomar o seu partido
E tudo, na senhora, eu visse defendido;
Com força desculpei toda a sua intenção,
E de su'alma cheguei a fazer-me caução.
Mas sabe que há coisas, na vida levada,
Que não ganham perdão, sequer quando invejada.
E vi-me constrangida ao me ver concordando
Que o ar um tanto torto que anda proclamando
Recebe deste mundo um olhar bem maldoso;
E não é só maldade o que se espalha em gozo,
E que, se assim prefere, o seu comportamento,
Pode bem provocar nosso mau julgamento.
Não que creia esteja a honestidade ferida:
Que me defenda o céu de a fé ter abatida!
Mas ao odor do crime é fácil se dar fé,
E para viver bem não basta ser como é.
Creio ser su'alma, senhora, razoável
Pra não ver o que disse como favorável,
Ou mesmo atribuir secretas intenções
Ao zelo que me prendem seu porte e ações.

CÉLIMÈNE

Senhora, as graças que lhe devo tantas são
Que um zelo assim, bem longe da incompreensão,
Eu reconheço desde logo qual favor
Um aviso que, pra si, é pundonor;
E como a vejo assim mostrar-se minha amiga,
Advertindo-me sobre o que de mim se diga,
Quero agora seguir esse exemplo tão raro,
Contando o que de si todos dizem bem claro.
Numa casa onde há dias estive a visitar,
Entre gente de escol, de mérito sem par
Ao se louvarem almas que vivem no bem,
Caiu sobre a senhora o assunto, também.
Seus excessos de zelo e pudor extremado
Ninguém citou, lá, como exemplo a ser tomado:
O afetado e pudico aspecto exterior,
O eterno tom de pura, e o ar superior,
Seus gritos e caretas ao falar da indecência
Que uma palavra ambígua empresta à inocência,
A estima que por si insiste em proclamar,
Ou o piedoso olhar a que quer rebaixar
As eternas lições, as amargas censuras
Sobre coisas que são inocentes e puras,
Tudo isso, eu lhe digo, falando a verdade,
Condenam, senhora, com unanimidade.
O que adianta, dizem, esse ar tão modesto?
Pra que fingir um bem que fica só no gesto?
Ela exige ser sempre e muito bem tratada,
Mas sova os criados e não lhes paga nada.
Exibe-se ao orar em santuário e capela:
Mas cobre-se de pó e quer parecer bela.

Manda cobrir nos quadros a nudez à vista;
Porém no dia a dia é muito realista.
Quanto a mim, contra todos tomei sua defesa,
Garantindo que tudo o que é dito é torpeza;
Mas todos contra mim se unem no pensar,
Julgando que a senhora devia buscar
Cuidar dos deslizes dos outros muito menos,
E corrigir seus próprios, que não são pequenos;
E é preciso olhar pra si mesma bem fundo,
Antes de se querer condenar todo o mundo;
Que é preciso o peso de vida sem defeitos
Antes de contra todos condenar os feitos;
E que, sendo preciso, é melhor entregar
Àqueles que o céu encarregou de zelar.
Eu a creio também por demais razoável,
Pra não ver o que disse como favorável;
Ou mesmo atribuir secretas intenções
Ao zelo que me prende a seu porte e intenções.

ARSINOÉ

Embora a responder eu me sinta obrigada,
Eu jamais esperei essa resposta dada;
Mas vejo pelo tom da sua indignação
Que ao ser sincera eu magoei-lhe o coração.

CÉLIMÈNE

Ao contrário, senhora; e pr'os ajuizados
Tais conselhos são bem e mutuamente usados;
Destrói-se, se a boa-fé os orientou,

A autocegueira que cada um usou.
Só à senhora cabe manter, com desvelo,
Continuarmos nós nosso ofício com zelo,
E com muito cuidado nos dizer, enfim,
O que corre: eu de si e a senhora de mim.

ARSINOÉ

Ai, senhora, de si não há o que dizer;
É em mim que se encontra o que repreender.

CÉLIMÈNE

Existe em tudo o que louvar e condenar,
Se ao momento e ao gosto se quer agradar.
Um dia o aplauso vai para o alegre e a delícia;
Mas em outra estação domina a pudicícia.
Muitos, por política tomam tal partido,
Quando o esplendor do jovem está amortecido
Disfarça-se com isso o fracasso daninho,
E um dia, talvez, eu siga o seu caminho.
A idade ajeita tudo, e desfaz os enganos,
Ninguém espera ver pudor aos vinte anos.

ARSINOÉ

A sua garantia é fraca, na verdade;
E faz soar bem alto essa questão da idade.
O que teria então, além disso, a senhora,
Não é lá muito, pra importar tanto agora;
E eu não sei por que su'alma age tão mal.
Que em mim só enxerga malícia anormal.

CÉLIMÈNE

Enquanto eu não sei qual seria a razão
De a verem me atacando onde quer que vão.
Tem de culpar a mim por seus sonhos falidos?
Algum dia lutei pra vê-los destruídos?
Se parece que aos outros eu inspiro amor,
E se me chegam, todo dia, com clamor
Juras que o seu coração sonha me tirar,
Não sei o que fazer, não me pode culpar:
Tem o campo todo livre, eu não sou culpada
Que dos imãs do encanto não seja dotada.

ARSINOÉ

E crê façamos todas força igual a essa
Pra também proclamarmos amantes à beça,
E hoje não se vê, e com facilidade,
Por quanto se contrata uma tal quantidade?
Pensa mesmo que estando o mundo em confusão
Só sua pureza é que atrai a multidão?
Que por si todos queimam amor puro e forte,
E por suas virtudes lhe fazem a corte?
Ninguém fica cego diante de ilusões
O mundo não é tolo, e as enganações
Que buscam atrair amores inspirados,
Jamais fixam em si amantes dedicados;
Daí podemos ver, tirando as consequências,
Que não se ganha amor com tantas saliências,
Que não há quem nos ame só pela beleza,
E o que parece dado é pago, com certeza.

Não fique tão inchada, nem gabe tal glória,
Só com o brilho que tem de uma frágil vitória;
E diminua o orgulho por seus atrativos,
Torcendo o seu nariz aos pobres seres vivos.
Se com os olhos suas conquistas invejei,
Como fazem muitas outras, também farei:
Sem perder a paciência eu a farei ver
Que pra ter tanto amante é bastante querer.

CÉLIMÈNE

Pois bem, senhora; o caso vamos acertar:
Com esse raro segredo tentou agradar;
E sem...

ARSINOÉ

Vamos cortar, senhora, essa conversa:
Pro seu espírito e pro meu ela é perversa;
A despedida não iria assim tardar
Se a carruagem não estivesse de esperar.

CÉLIMÈNE

O quanto lhe aprouver poderá demorar,
E até agora nada a obriga a se apressar;
Porém, pra não cansá-la a minha cortesia,
Eu saio, e a deixo aqui em melhor companhia;
E o senhor, que o acaso fez aparecer
Terá mais sucesso que eu em a entreter.
Alceste, eu tenho de escrever uma cartinha
Que não sendo escrita seria falha minha.

Fique com a senhora; ela terá a bondade
De perdoar assim minha incivilidade.

CENA V

Alceste, Arsinoé

ARSINOÉ

Como viu, ela quer que eu o entretenha,
Enquanto a carruagem espero que venha;
E nem que mais quisesse havia de poder
Criar situação que desse mais prazer.
Na verdade aqueles de mérito sublime
Extraem um do outro o que se ame e estime;
O seu apresenta secretos interesses
Que obrigam o meu peito a lutar só por esses.
Quisera eu que a corte, com olhar mais robusto,
Ao que vale o senhor desse peso mais justo:
Tem razão de queixar-se; e eu fico irritada
Só de ver que, por si, ninguém jamais faz nada.

ALCESTE

Do que poderia eu queixar-me, senhora?
Que bem ao Estado fiz eu até agora?
Que fiz eu, por favor, de tão brilhante assim
Pra lastimar não terem lutado por mim?

ARSINOÉ

Nem todos os que a corte olha com simpatia

Chegaram a brilhar por gênio ou valentia.
É preciso juntar ocasião e poder;
E o mérito que sempre a nós todos faz ver
Deveria...

ALCESTE

Esse mérito é bom esquecer;
E o que teria a corte pra se entreter?
Era muito trabalho, e tarefa das boas,
Ter de desenterrar mérito nas pessoas.

ARSINOÉ

Desenterra-se só um mérito brilhante;
Sabem todos que o seu para isso é bastante;
E saiba que o ouvi inda ontem louvado
Por gente e em locais cujo peso é notado.

ALCESTE

Senhora! Hoje em dia se aplaude todo o mundo,
Tanta gente faz tanto que até me confundo:
O mérito louvado é tão distribuído
Que deixou de ser honra tê-lo atribuído;
Regurgitam-se loas, sucesso é comprado,
Já saiu na Gazeta até o meu criado.

ARSINOÉ

Desejaria eu, pra que melhor o vissem,
Que postos na corte seus olhos atraíssem.
Mesmo que corpo e olhar empenho não mostrassem,

Faríamos por si que máquinas marchassem,
Eu tenho em mãos alguns que por si lutariam,
E todo o seu caminho mais doce fariam.

ALCESTE

E a mim caberia fazer o que, senhora?
O humor que me domina quer que eu vá embora.
O céu não me dotou, ao escolher-me a sorte,
De alma compatível com os ares da corte:
As más virtudes necessárias não me deu
Pra fazer lá sucesso, e cuidar do que é meu.
Ser franco e ser sincero são meu talento mor;
Não sei jogar com homens pra fazer humor;
E quem não tem o dom de esconder o pensar,
Não pode em tal terreno viver e morar.
Fora da corte, sei, não há glória vazia,
Ou títulos de honra dados hoje em dia;
Porém também não, ao perder essas vantagens,
Ter como diversão idiotas personagens:
Não se tem de aturar comentários perversos,
E nem de elogiar ninguém por seus maus versos,
De alguma fulana a beleza cantar
Ou brilho em cérebro de marquês encontrar.

ARSINOÉ

Deixemos, se assim quer, o capítulo corte;
Mas deixe que no amor eu lhe seja suporte,
E pra meu pensamento ficar revelado,
Queria o seu ardor ver melhor situado.

Merece, eu sei, obter um caminho sem dor,
E aquela a quem ama é indigna do senhor.

ALCESTE

E ao dizê-lo, senhora, não cria uma intriga
Contra uma pessoa de quem se diz amiga?

ARSINOÉ

Sim; porém eu sinto a consciência ferida
Pela seta do mal sempre a si dirigida;
O estado em que o vejo me traz muita dor
E, mais, lhe informo que é traído o seu amor.

ALCESTE

Com o que me mostra sentimento galante,
Como os que mais pedem gratidão ao amante!

ARSINOÉ

É minha amiga, mas o digo eu em bom som,
Não se deve ferir o peito de homem bom;
Do dela vêm doces mas falsas emoções.

ALCESTE

Senhora, pode ser: não se vê corações;
Mas a senhora é parca de bons sentimentos
Se a mim na cabeça atira tais pensamentos.

ARSINOÉ

Se não deseja mesmo ser bem informado,
Quem for falar-lhe deve ficar bem calado.

ALCESTE

Não; mas esse o assunto em que acaba de tocar,
Mais que outro qualquer tem força pra irritar;
Por outros gostaria que jamais soubesse
Senão o que certo e provado me viesse.

ARSINOÉ

'Stá bem; é como diz! E sobre o assunto dado
O que vai receber 'stá bem iluminado.
Quisera que seus olhos fossem tábua rasa:
É só me dar a mão e vir à minha casa;
E lá eu lhe darei uma prova provada
Da infidelidade dessa sua amada;
E se seus olhos por outra podem queimar
Talvez receba oferta pra se consolar.

ATO IV

CENA I

Éliante, Philinte

PHILINTE

Nunca se viu alma tão dura de tratar,
Nem acordo tão doloroso de alcançar:

Em vão de todo lado tentaram moldá-lo
Sem conseguir da pose sequer abalá-lo;
E creio que disputa mais bizarra, penso,
Jamais gastou o tempo de homens de bom senso.
"Senhores", dizia ele, "não me desdigo;
E sem isso, concordo com tudo, lhes digo.
Por que se ofende ele? O que quer me dizer?
Diminui-lhe a glória não saber escrever?
Que lhe fez o que disse, para assim estar?
O homem pode ser bom sem saber versejar:
O código de honra nem toca no assunto;
O tenho por bom homem em todo o conjunto,
Homem de mérito, de honra e coração,
Tudo o mais que quiserem; mas poeta, não.
Se o querem eu afirmo que é ímpar na França,
Que é bom na montaria, nas armas e dança;
Porém, quanto a seus versos, senhores, eu lamento;
E se para melhores, não mostra talento,
Não se deve de alguém, só porque bem verseja,
Sentir-se condenado à morte por inveja."
Enfim, por gentileza e acomodamento
O mais que conseguiu, pra mostrar sentimento,
Foi dizer, e pensando que usava tom doce:
"Senhor, eu lamento que o que disse lhe fosse
Ofensivo, e por afeição eu gostaria
De ver em seu soneto alguma melhoria."
E obrigando um ao outro se abraçar,
Fizemos depressa a querela terminar.

ÉLIANTE

Em seu modo de agir ele é bem singular;
Um exemplo, porém, muito particular:
Sua sinceridade, que lhe fere a alma,
Tem muita coisa em si de nobre, heroica e calma.
Hoje é difícil virtude assim encontrar,
Quisera eu vê-la em toda parte assim florar.

PHILINTE

Quanto a mim, mais o vejo, mais inda m'espanto,
Quanto à paixão que faz seu peito doer tanto;
Com o humor com que o céu resolveu lhe brindar,
Não sei por que razão se arrisca ele a amar;
Menos ainda como sua prima caprichosa
Seja quem de sua inclinação hoje goza.

ÉLIANTE

Isso nos mostra que o amor, nos corações,
Nem sempre concorda com outras emoções:
E todas as razões a respeito mantidas
Ficam, só nesse exemplo, todas desmentidas.

PHILINTE

Mas, pelo que se vê, crê que ele seja amado?

ÉLIANTE

Nesse ponto não pode estar bem informado.
E como julgar se é verdade que ela o ama?
Ele não está certo do que o seu peito proclama;

Por vezes ele tem certeza do que sente,
Mas em outras nem sabe por que está contente.

PHILINTE

Creio que nosso amigo, ante a prima ferina,
Vai ter bem mais tristezas do que se imagina;
Mas se fosse, fique claro, o meu coração,
Bem pr'outro lado iria a sua adoração;
E graças, senhora, a escolha bem mais calma,
Gozar das graças que lhe concede a su'alma.

ÉLIANTE

Quanto a mim, eu não tomo partido e até
Creio que em casos tais deve haver boa-fé:
Não me oponho de todo à trama que conheço,
Ao contrário, por ela até eu me interesso;
Se só a mim coubesse a coisa dirigir
Eu mesma, ao que ele ama, ajudaria a unir.
Mas nessa escolha, como em outras parecidas,
Destinos bem contrários determinam vidas,
Sendo precisa um'outra pr'acender sua chama,
Talvez aceitasse ser aquela a quem ama;
E a recusa sofrida numa tal instância
A mim não causaria qualquer repugnância.

PHILINTE

Quanto a mim, não me oponho sequer um momento
À doçura que a ele dá seu sentimento;
E ele mesmo pode informações trazer-lhe

Sobre tudo que eu mesmo cuidei em dizer-lhe.
Porém, se um casamento unisse o nosso par,
Votos feitos a si não podem mais chegar;
E todos os meus, com fervor maior ainda
Do que a ele tem dado sua bondade infinda:
Feliz serei eu se, livre o seu coração,
Pro meu lado, senhora, ela cair então.

ÉLIANTE

'Stá brincando, Philinte.

PHILINTE

De modo algum, senhora,
Eu só digo o que vai na minha alma agora;
Espero a ocasião de me entregar inteiro,
Para de mim fazer seu sonho verdadeiro.

CENA II

Alceste, Éliante, Philinte

ALCESTE

Explique-me. Senhora, qual seja a razão
Pra ser derrotada minha dedicação.

ÉLIANTE

Mas o que foi? O que o pôde assim abalar?

ALCESTE

Tenho o que sem morrer não posso imaginar;
E o abalo arrasador de toda a natureza,
Não poderia afetar-me tanto, com certeza.
'Stá feito... O meu amor... Não quero falar nisso.

ÉLIANTE

Tente acalmar o espírito, apesar disso.

ALCESTE

Céus! Será preciso juntar a tantas graças
Os odiosos vícios das almas mais devassas?

ÉLIANTE

Mas, enfim, quem o pôde...?

ALCESTE

Eu estou arruinado...
Estou; eu fui traído, eu fui assassinado:
Célimène... Que nova pode ser mais incrível?
Célimène me engana, é uma grande infiel.

ÉLIANTE

E tem, pra confirmá-lo, um ato comprovado?

PHILINTE

Seu julgamento foi, talvez, precipitado,
O seu ciúme criou quimeras, quem sabe...

ALCESTE

Mas por Deus, senhor, meta-se com o que lhe cabe.
Tenho mais que certeza de uma tal traição,
Aqui no bolso, e escrita pela sua mão.
Sim, uma carta que a Oronte ela escreveu
Mostra dela a vergonha e o desalento meu:
Oronte, de quem, estava eu certo, fugia,
E dentre os meus rivais o que eu menos temia.

PHILINTE

Podemos ler em uma carta mau sentido,
Ficando ela culpada do desgosto tido.

ALCESTE

Outro golpe! Peço que me deixe em paz, senhor,
Não fale do que não lhe cabe, por favor.

ÉLIANTE

Deve conter seus rompantes... E a desfeita...

ALCESTE

À senhora é que pertence a coisa feita;
A si é que meu coração recorre agora
Para livrar-se da ofensa que me queima agora.
Vingue-me dessa sua traidora parente
Que, covarde, trai amor tão fiel e quente;
Vingue-me do que pra si não deve ter perdão.

ÉLIANTE

Vingá-lo? Como?

ALCESTE

Aceitando o meu coração.
Aceite-o, senhora, em lugar da infiel:
Só assim poderei vingar-me da cruel;
Eu quero puni-la pelos sinceros votos,
Pelo profundo amor, os suspiros devotos,
O serviço ardente, a grande dedicação
Que a si ora oferece este meu coração.

ÉLIANTE

Eu compartilho, é certo, o que está sofrendo,
E prezo o coração que está me oferecendo;
Porém talvez não seja tão grande esse mal,
E possa desistir de uma vingança tal.
Se a injúria parte de objeto tão bem-dotado
Um plano tão grande não é executado:
Pra romper é precisa uma razão veemente,
Culpado que se ama bem logo é inocente;
O mal que se lhe quer se esvai em um instante,
Pois sabemos como é a irritação de amante.

ALCESTE

Não, minha senhora; a ofensa foi mortal,
Não pode haver retorno, a ruptura é final.
Nada pode mudar o meu compreender
E pecaria eu se a voltasse a querer.
Ei-la; e com isso aumenta a minha irritação;

Do que fez, vou mostrar minha condenação,
Deixá-la desconcertada, e trazer-lhe a seguir
Um coração livre de quem só faz trair.

CENA III

Célimène e Alceste

ALCESTE

Ai, se eu pudesse controlar tanta amargura!

CÉLIMÈNE

Mas o que há pr'eu ver assim sua figura?
Que quer com esse suspiro tão profundo assim,
Ou esse olhar sombrio que ora lança em mim?

ALCESTE

Os maiores horrores de um'alma culpada
São nada se ela for à sua comparada!
Jamais fado, demônios e céu reunidos
Igualaram os males em si comprimidos.

CÉLIMÈNE

Tais doçuras me fazem de prazer fremir.

ALCESTE

Não brinque, por favor; não é hora de rir:
Mas para enrubescer tem agora razão;

Tenho provas concretas da sua traição.
Eis o que me fazia sempre angustiado;
Não por nada o meu peito se via alarmado;
Nas suspeitas que os outros em mim condenavam.
Eu procurava o mal que os olhos suspeitavam.
E apesar do que fiz pra fingir e ocultar,
Algo me levava sempre a desconfiar.
Não suponha, senhora, que eu sem ser vingado
Passarei a vergonha de ser ultrajado.
Sei bem que sobre os votos ninguém tem poder;
Que o amor é espontâneo, e não quer depender;
Por força o coração não tem conquistador,
E só a alma livre indica o vencedor.
Não teria eu razão pra 'star tão ressentido,
Se seus lábios por mim não houvessem fingido;
Se houvesse rejeitado logo o meu amor
Meu peito não teria razões a seu dispor.
Mas ter minha paixão falsamente aplaudida
É maldade, é perfídia, é a alma traída,
Para as quais punição nenhuma é demais,
E a que todo castigo permitem meus ais.
Sim, após tal ultraje, tem tudo a temer,
E eu me sinto inteiro de cólera tremer:
Por seu golpe mortal me sinto assassinado,
Em razão e sentido 'stou desgovernado;
Ao comando da ira eu tenho de ceder
E já não respondo pelo que vá fazer.

CÉLIMÈNE

De onde vem, peço, tamanha comoção?
Por acaso, eu indago, perdeu a razão?

ALCESTE

Sim, perdi, já que diante desse seu olhar
Eu tomei o veneno que vai me matar,
Ao pensar que a verdade eu havia encontrado
No carinho traidor com que fui encantado.

CÉLIMÈNE

E de que paixão pode, senhor, se queixar?

ALCESTE

Como o seu coração sabe bem enganar!
Mas já tenho com que acabar tanta treta;
Lance os olhos aqui e veja a sua letra.
Este bilhete em si já dá pr'a condenar,
E a uma prova tal não dá pra retrucar.

CÉLIMÈNE

E é isso aí que o deixa assim tão abalado?

ALCESTE

E não se enrubesce com o que lhe é mostrado?

CÉLIMÈNE

Mas, pra enrubescer, que razão eu teria?

ALCESTE

Então ao mal acresce ainda a ousadia?
Se desonrando, vai negar a assinatura?

CÉLIMÈNE

Por que razão hei de negar minha escritura?

ALCESTE

Pode ler isso e nem sequer ficar confusa
Com o crime contra mim que o estilo a acusa?

CÉLIMÈNE

O senhor, sem mentir, é um grande extravagante!

ALCESTE

O quê? Ousa contestar prova tão chocante?
E o que isso prova, de carinhos com Oronte,
Nada a envergonha? Nada há que a mim afronte?

CÉLIMÈNE

Oronte? Quem diz que isso era pra ele, então?

ALCESTE

A pessoa que hoje o deu na minha mão.
Porém mesmo aceitando que a outro escrevia,
Menos magoado então meu peito ficaria?
E seria menor a culpa contra mim?

CÉLIMÈNE

E sendo uma mulher a endereçada, enfim?
Por que o negaria? Qual a culpa, então?

ALCESTE

Belo desvio! Mas que boa explicação!
Não esperava ser assim esclarecido,
E estou, por isso, totalmente convencido.
Como ousa recorrer a ideia tão grosseira?
Minha tola ignorância é assim tão inteira?
Vejamos que caminho, que viés, que manha
Vai usar pr'apoiar mentira assim tamanha,
E como vai fazer fingir que é pra mulher
Um bilhete que assim tanta paixão requer?
Altere, pra cobrir uma ação de má-fé,
O que leio agora...

CÉLIMÈNE

Pr'humilhar-me, não é?
Me parece agradável usar seu poder
Pra dizer-me no rosto o que ousa dizer.

ALCESTE

Não se agite; porém, busque agora um pretexto
Que pra mim justifique os termos desse texto.

CÉLIMÈNE

Não quero; e o que quiser julgar-me nessa instância,
Pra mim, lhe digo logo, não tem importância.

ALCESTE

Explique, por favor; ficarei sossegado
Se provar que a mulher é que isso foi mandado.

CÉLIMÈNE

Foi a Oronte, e eu desejo que assim creia;
É pelos votos dele que a minh'alma anseia.
Admiro o que ele é, e o que possa dizer,
E concordo com tudo que a si der prazer.
Veja o mal, eu lhe peço, em tudo o que aconteça,
E pode, se quiser, quebrar minha cabeça.

ALCESTE

O que mais, de cruel, terá sido inventado?
E quando um coração foi assim maltratado?
Quando eu, com razão, me irrito com ela,
É de mim que se queixa, e quem reclama é ela!
Minhas suspeitas, o meu sofrimento agudo,
Ela, além de confirmar, se gaba de tudo;
E o coração covarde, sob todo esse peso
Não sabe quebrar a corrente que o tem preso,
E nem sentir mais do que um despeito ligeiro
Pela ingrata de quem inda é prisioneiro!
E bem soube explorar contra mim, com certeza,
Co'a maior crueldade esta minha fraqueza;
E usar em seu favor os excessos e horrores
Do meu amor fatal a seus olhos traidores
Defenda-se, eu peço, da falta executada,
E pare de fingir que ante mim é culpada;

Comprove, por favor, que o bilhete é inocente,
A perdoar-lhe as mãos meu carinho consente;
Pra parecer fiel, deve ao menos tentar,
Enquanto eu, por meu lado, quero acreditar.

CÉLIMÈNE

Mas vamos, o que é isso? O seu ciúme é louco,
E não merece, assim, meu amor nem um pouco.
Quero saber quem poderia me obrigar
A um fingimento desses eu me rebaixar;
E se meu coração caísse pra outro lado,
Por que eu não teria ao senhor já contado?
Então, meu afeto, afirmado com clareza,
Contra suspeitas tais não serve de defesa?
Com tal garantia, tem dúvida essa monta?
Dar ouvidos a ela, a mim não afronta?
Se este meu coração é ousado e proclama
Que tinha resolvido confessar que o ama,
Quando a honra do sexo traz interdição
A tudo o que revele assim uma paixão?
Vendo que alguém por ele salta tal obstáculo?
Poderá o amante descrer desse oráculo?
Não é ele culpado, se não convencido
Pelo que só depois de luta é admitido?
Merece raiva quem suspeita desse jeito;
E por isso o senhor não merece respeito;
Eu sou tola e lamento a minha ingenuidade
De inda sentir por si um pouco de bondade;
Devia para outro voltar o meu calor,

E fazê-lo objeto de verdadeira dor.

ALCESTE

Traidora! Por si eu tenho estranha fraqueza;
A senhora engana com muita gentileza;
Mas não importa, eu tenho de seguir meu fado,
E à sua vontade estou abandonado.
Vou ver até o fim como é seu coração,
E se pra mim só resta o negror da traição.

CÉLIMÈNE

Senhor, não me ama como é preciso amar.

ALCESTE

Ai, nada ao meu amor se pode comparar.
Eu ouso proclamar tamanhas minhas dores,
Que eu chego a desejar-lhe os maiores horrores:
Queria que ninguém a visse como amável,
Que fosse reduzida a sorte miserável,
Que os céus não a dotassem de uma só graça,
Que não tivesse berço, nem nome, nem raça,
Pra que, com sacrifício, o meu bom coração
Dessa grande injustiça a libertasse, então;
Pr'um dia ter a glória e o alegre louvor
De ver as suas mãos colherem meu amor.

CÉLIMÈNE

Mas isso é um querer bem de estranha qualidade,
Só peço a Deus que nunca isso vire verdade...

Mas aí vem Du Bois, muito mal-arrumado.

CENA IV

Du Bois, Célimène, Alceste

ALCESTE

Mas pra que essa roupa, esse ar agitado.
Que é?

DU BOIS

Senhor...

ALCESTE

Então?...

DU BOIS

É grande a confusão.

ALCESTE

Que houve?

DU BOIS

É muito mal. É uma atrapalhação.

ALCESTE

O que é?

DU BOIS

Em voz alta?

ALCESTE

E fale depressa.

DU BOIS

Não há ninguém...

ALCESTE

Meu Deus, mas que gracinha é essa?

Quer falar!

DU BOIS

Meu senhor, é preciso fugir.

ALCESTE

Como é?

DU BOIS

É dar no pé, e pra bem longe ir.

ALCESTE

Por quê?

DU BOIS

Só precisa largar o local.

ALCESTE

Mas por quê?

DU BOIS

Porque ficar até dizer cai mal.

ALCESTE

Mas diga-me por que 'stá falando bobagem.

DU BOIS

Senhor, porque é preciso arrumar a bagagem.

ALCESTE

Juro que o vou deixar com a cabeça quebrada,
Se não mudar logo essa fala idiotizada.

DU BOIS

Senhor, chegou um homem de roupa pretinha
Pra deixar – e entrou até lá na cozinha –
Um papel lá que está de tal modo amassado,
Que pra ler tem de ser um diabo danado.
É lá do seu processo, disso eu estou certo;
E com diabo, eu sei, melhor não passar perto.

ALCESTE

E daí? O papel, que tenho eu de fazer,
Além de, como disse, eu desaparecer?

DU BOIS

Isso é lá com o senhor e, uma hora passada,
Um senhor que o visita sem hora marcada,
Chegou pra procurá-lo, e com ar apressado,
Como não o encontrou me disse, com cuidado,
Sabendo que o sirvo tão bem que não reclama,
Pediu que eu lhe dissesse – como é que ele chama?

ALCESTE

O nome não importa; mas diga o que mandou.

DU BOIS

É amigo dos seus, e isso já bastou.
Falou que é um perigo que daqui o caça
E que de ir pra cadeia a sorte o ameaça.

ALCESTE

Ele não disse, então, nada mais explicado?

DU BOIS

Com o papel e a tinta que eu tinha apanhado
Escreveu uma nota que o senhor, se lesse,
Metade do mistério já se esclarecesse.

ALCESTE

Dê-me aqui.

DU BOIS

Que será que isso pode conter?

ALCESTE

Não sei, porém espero que vá me esclarecer.
Diabos, onde está? Já perdeu, com certeza.

DU BOIS

(Depois de muito procurar.)
Senhor, deixei em casa; está na sua mesa.

ALCESTE

Não sei o que fazer.

CÉLIMÈNE

Não fique tão nervoso;
Vá logo desatar tal nó misterioso.

ALCESTE

Parece que a sorte, seja ela qual for,
Me impede ficar, agora, ao seu dispor;
Mas, pra do meu amor acabar a porfia,
Eu voltarei, senhora, antes do fim do dia.

ATO V

CENA I

Alceste, Philinte

ALCESTE

Digo que já tomei minha resolução.

PHILINTE

Não siga o mal que for, só por obrigação.

ALCESTE

Não; tudo o que me disse está bem trabalhado,
Mas nada do que eu disse pode ser mudado:
Do que é perverso o mundo está tão recoberto,
Que me afastar dos homens pra mim é o certo.
Veja só! Contra mim hoje vieram se opor
A honra, a probidade, a lei e o pudor;
É dito por todos que o meu caso é perfeito,
Minh'alma confiou no que é meu direito;
No entanto, vê-me aqui privado de sucesso:
A justiça me apoia, e eu perco o processo!
Um calhorda, dono de escandalosa história,
Por torpe falsidade é quem sai com a vitória!
A boa-fé de todos rende-se à traição,
Ele me esgana, mas consegue ter razão!
O peso das caretas, o mal que ele atiça,
Invertem o direito, e matam a justiça!
Por uma liminar coroa seu malfeito,
E achando pouco o mal que contra mim foi feito
Faz correr pelo mundo um livro abominável,
Do qual só a leitura já é condenável,

Um livro a ser punido com enorme rigor,
Do qual esse canalha inda me diz autor!
Além do mais, já soube que Oronte murmura,
Para, à boca pequena, apoiar a impostura!
Ele, que é honesto, e na corte benquisto,
A quem eu só fui franco e sincero – só isto –
E que me apareceu, com ardor inesperado,
Pra saber, de uns versos, o que tinha eu pensado,
Pedindo que eu falasse só com honestidade,
E que eu não traísse, a ele ou à verdade,
Agora me acusa de um crime imaginário,
E eis que hoje ele é meu maior adversário!
Ele a mim não perdoa, e está assim frio,
Porque ao seu soneto eu neguei elogio.
E os homens, diabo, hoje são desse jeito,
E o que conquista a glória é esse tipo de feito;
Pois essa é a virtude que nos é dado ver,
E o bem que encontra quem entre os homens viver. Vamos, é muito sofrimento nessa dança,
Melhor abandonar o conluio e a matança;
Se os homens como lobos preferem viver,
A minha companhia não podem mais ter.

PHILINTE

O seu modo de agir está precipitado,
E está vendo o seu mal de modo exagerado;
Nada do que quiseram a si imputar
Chegou a conseguir fazê-lo recuar;
Tudo o que era falso foi por falso tomado,

E pode até a ele ter prejudicado.

ALCESTE

A ele? O mal de gente assim não tem limite;
A esse celerado tudo se permite;
E, longe de feri-lo, essa nova aventura
Só serve pra enfeitar-lhe amanhã a postura.

PHILINTE

Enfim, o que se sabe da trama que urdiu
É não ter consequências na gente que ouviu;
Dessa parte, garanto, não há que temer,
E quanto ao processo, inda pode recorrer.
A própria justiça é que lhe dá tal direito;
Quanto à voz de prisão...

ALCESTE

Eu quero o que foi feito;
Quanto ao mal que a prisão pudesse me fazer,
Garanto que não hei de me deixar prender.
Que o bem foi ferido é uma óbvia verdade,
Pois que isso fique à vista pela eternidade,
Como marca indelével, ou prova sincera
Do mal que faziam os homens desta era.
São vinte mil francos que pode me custar,
Mas por vinte mil francos eu posso bradar
Contra a maldade vil dos homens em geral,
Como nutrir por ele esse ódio mortal.

PHILINTE

Mas, enfim...

ALCESTE

Mas, enfim, está falando à toa.
Que bem pode disso dizer sua pessoa?
Terá o desplante de, entre nós, aqui
Justificar o horror que por ele eu sofri?

PHILINTE

Não; concordo com tudo que o senhor me diga:
Foi tudo trabalhado por cabala e intriga;
Toda coisa importante hoje em dia é comprada,
E os homens deviam tomar uma outra estrada.
Porém, será razão, essa pouca equidade
Pra abandonar de vez a sua sociedade?
Os defeitos humanos nos dão, todo dia,
Motivos pra exercer nossa filosofia:
É o melhor emprego que encontra a virtude;
Se em todo o mundo só houvesse retitude,
Se todos fossem francos, justos e não fúteis,
As virtudes, em parte, seriam inúteis.
Já que é uso, entre nós, sem problema aturar
Injustiças que os outros souberam armar.
E mesmo a virtude de um coração profundo...

ALCESTE

Ninguém fala melhor que o senhor neste mundo;
Com o bom senso por base, tem sempre razão,

Mas ’stá perdendo tempo com essa falação;
Minha razão me diz que eu devo me afastar,
E eu minha língua não sei dominar;
Pelo que diria, não posso responder,
E em mil apertos sei que iria me meter.
Deixe então que eu espere Célimène em paz,
Ela tem de aprovar o assunto que me traz;
Eu posso acreditar quando ela diz me amar?
Momentos como este é que o podem provar.

PHILINTE

Enquanto ela não chega, não quer ver Éliante?

ALCESTE

Não; com muitos problemas tenho a alma pesante.
Suba o senhor pra vê-la, e me deixe, afinal,
Neste canto, sozinho, ficar com o meu mal.

PHILINTE

É companhia bem estranha pr’aguardá-la;
Vou pedir a Éliante que venha para a sala.

CENA II

Oronte, Célimène, Alceste

ORONTE

Cabe a si ver se por tais doces laços, pois,
Senhora, é seu desejo ligar a nós dois.

Preciso, de sua alma, garantia total:
Balanços como esses o amante atura mal.
Se este meu fogo foi capaz de a comover,
Não é justo impedir que eu o possa ver;
E a prova, afinal, que aqui eu pretendo,
É não permitir mais que Alceste a ande vendo,
Sacrificá-lo, sim, senhora, ao meu amor,
E bani-lo, desde hoje, do seu redor.

CÉLIMÈNE

Mas que falha tem ele, para assim odiá-lo,
Se tantas vezes o ouvi elogiá-lo?

ORONTE

Não estou aqui pra dar esclarecimentos;
Nossa questão, aqui, são os seus sentimentos.
Diga-me, por favor, qual dos dois escolheu:
Meu voto para sempre só aguarda o seu.

ALCESTE

(Saindo do canto para o qual se retirara.)
O cavalheiro tem razão; e neste ensejo
É justo como o dele o meu desejo.
Ardor igual me instiga, o mesmo zelo alerta;
Meu amor quer, do seu, alguma marca certa,
As coisas não são mais para ser adiadas,
E as do coração têm de ser explicadas.

ORONTE

Não desejo, senhor, que uma chama importuna
Perturbe de algum modo sua boa fortuna.

ALCESTE

Eu não desejo, senhor, ciumento ou não,
Compartilhar de algo do seu coração.

ORONTE

Se o seu amor ao meu ela vá preferir...

ALCESTE

Se pesar pro seu lado a balança eu sentir...

ORONTE

Juro pra nunca mais eu querer nada dela.

ALCESTE

E eu juro que jamais hei de tornar a vê-la.

ORONTE

Assim, sem pressões, pode bem se explicar.

ALCESTE

É sem razão pra medo que nos vai falar.

ORONTE

É só dizer quem tem o seu afeto, pois.

ALCESTE

É trinchar de uma vez, e escolher um dos dois.

ORONTE

Será que a escolha lhe traz algum problema?

ALCESTE

Sua alma ainda tem algum gesto que pena?

CÉLIMÈNE

Deus, toda essa história está fora de estação,
E eu encontro nos dois muito pouca razão!
Pra fazer tal opção eu sei como e sei quando,
E não é meu coração que está balançando:
Ele não ‘stá suspenso só entre os senhores,
E é bem fácil optar entre os seus dois ardores.
Mas eu sinto irritação bem mais forte, sim,
De me expressar em face de uma jura assim:
Eu penso que palavras que são insolentes
Jamais devem ser ditas na frente das gentes;
A opção de um peito tem sua própria luz,
Mas não deve brilhar até deixar-nos nus;
Nem doce testemunho deve ser tão forte
Que informe um amante de seu sonho a morte.

ORONTE

Não há como temer qualquer explicação:
Quanto a mim, eu consinto.

ALCESTE

E eu faço questão:
É justo o seu clamor que eu exijo escutar,
Não quero, inda uma vez, vê-la os fatos mudar.
Prender o mundo inteiro é sua grande esperteza;
E se diverte mais quando há mais incerteza:
Ou explica bem claro os recursos que usa,
Ou tomo por final essa sua recusa;
Explicar seu silêncio é bem fácil pra mim,
E tomarei por dito o mal que há nele, enfim.

ORONTE

Compreendo muito bem a sua irritação,
E aqui fiz a ela igual condenação.

CÉLIMÈNE

Os caprichos dos dois já estão me cansando!
Será que há justiça no que estão reclamando?
Será que eu não disse o motivo que me cala?
Éliante é o juiz; 'stá entrando na sala.

CENA III

Éliante, Philinte, Célimène, Oronte, Alceste

CÉLIMÈNE

Minha prima, me encontra aqui atormentada
Por gente cujo humor é de carta marcada.
Pois querem, um e outro, com o mesmo calor,

Que eu diga, entre os dois, onde vai meu amor,
E que, por um proclama jogado no rosto
Proíba um dos dois de falar-me a seu gosto.
Diga se essa exigência é modo de falar.

ÉLIANTE

Não a ajuda em nada, a mim consultar:
É possível que o tenha mal endereçado,
Para mim o certo é dizer o que é pensado.

ORONTE

Minha senhora, é vão querer se defender.

ALCESTE

Nenhum caminho mais a pode proteger.

ORONTE

É preciso falar, já chega de hesitar.

ALCESTE

Não é possível querer só silenciar.

ORONTE

Uma palavra, e o debate vai terminar.

ALCESTE

E eu sei a resposta, se não quiser falar.

ÚLTIMA CENA

Acaste, Clitandre, Arsinoé, Philinte,
Éliante, Oronte, Célimène, Alceste

ACASTE

Viemos, senhora, não para nos meter,
Mas pra certa questão consigo esclarecer.

CLITANDRE

E é muito bom, senhores, aqui encontrá-los,
Já que nossa historinha é capaz de afetá-los.

ARSINOÉ

Sei que a surpreende, senhora, aqui me ver,
Mas esses senhores quiseram me trazer:
Os dois me buscaram, e eram dois se queixando
Do que meu coração não está acreditando.
Sua alma tem tudo para que eu a estime,
Não posso agora crer que cometa tal crime.
Até mesmo meus olhos negaram o visto;
A amizade supera esses maus imprevistos,
Quis fazer companhia aos dois até aqui,
Para ver tal calúnia lavada de si.

ACASTE

Isso mesmo; e com espírito doce e submisso
Como é que irá tentar aplainar tudo isso.
A Clitandre é que escreveu esta missiva?

CLITANDRE

A Acaste enviou esta carta tão viva?

ACASTE

Pros senhores não há aqui obscuridade,
E nem duvido da sua civilidade
Conhecer sua letra já devem saber;
Porém, isto aqui bem vale a pena ler.
O senhor é um homem estranho, condenando o meu divertimento, e reclamando que jamais fico tão alegre do que quando não estou consigo. Nada mais injusto; e se não vier bem depressa implorar perdão por tal ofensa, eu não hei de perdoá-lo jamais em minha vida. Nosso desajeitado visconde...

Ele precisava estar aqui.
Nosso desajeitado visconde, por quem começam as suas queixas, é um homem incapaz de me agradar; e depois que o vi, durante quarenta e cinco minutos, cuspir em um pote para fazer rodelinhas, nunca mais pude ter dele boa opinião. Quanto ao pequeno marquês...

Sou eu mesmo, senhores, sem qualquer vaidade.
Quanto ao pequeno marquês, que ontem me prendeu a mão por muito tempo, creio que não tem nada tão sem valor quanto toda a sua pessoa; seus méritos são apenas os da capa e espada. Quanto ao homem das fitas verdes...

(A Alceste.)

O dado caiu para o seu lado, senhor.
Quanto ao homem das fitas verdes, ele me diverte às vezes com seus modos bruscos e sua grosseria mal-humorada; porém há cem momentos em que o acho o mais tedioso deste mundo. E quanto ao homem do colete...

(A Oronte.)

Chegou sua encomenda.
E quanto ao homem do colete, que se atirou para as literatices e quer ser autor apesar do mundo inteiro, não posso me dar ao trabalho de ouvir o que ele diz; e sua prosa me fatiga tanto quanto seus versos. Meta na sua cabeça, então, que eu não me divirto tanto, todo dia, quanto pensa; que vejo quem fala mais do que eu gostaria, em todos os lugares a que me levam; e que é um tempero maravilhoso para os prazeres de que gostamos a presença daqueles que amamos.

CLITANDRE
Agora é a minha vez.
O seu Clitandre de que me fala, e que se faz sempre mais que doce, é o último dos homens a quem daria a minha amizade. Ele é extravagante em se persuadir que é amado; e o senhor em acreditar que não é. Troque, para ser razoável, seus sentimentos com os dele; e venha ver-me o mais que puder, para ajudar-me a aturar a irritação de ser uma obsessão.

Isso é modelo pr'um caráter exemplar;
Sabe, acaso, senhora, que nome lhe dar?

Nós dois vamos contar em toda parte a história
Que mostra esse seu coração em sua glória.

ACASTE

Teria o que dizer, e o assunto é provocante;
Mas minha ira não a acha interessante;
E eu a farei ver que os pequenos marqueses
Consolam-se com grandes corações, às vezes.

ORONTE

O quê? É assim que eu a vejo me abater,
Depois de tudo que eu mesmo a vi me escrever!
E fingindo o amor, esse seu coração
Ao mundo inteiro jura a sua devoção!
Fui bobo muito tempo; e não quero mais ser.
E lucrei, até muito, por a conhecer:
Fiquei com um coração que agora recupero
E me sinto vingado no que perde, espero.

(A Alceste.)

Senhor, não sou mais tropeço para si, agora,
Conclua então seu caso com essa senhora.

ARSINOÉ

Essa mancha deixou a terra escurecida;
Não posso me calar, e me sinto atingida.
Alguém já viu comportamento igual a esse?
Pelos outros, aí, eu não tenho interesse;

Mas o senhor aqui, que em tudo só quis,
Com seu mérito e honra fazê-la feliz,
E que a valorizava até a idolatria,
Devia...?

ALCESTE

Senhora, deixe, por cortesia,
Que eu mesmo cuide do que cabe a mim cuidar,
Não cuide de tolices com as quais devo arcar.
Meu coração a viu tomar o meu partido,
E não pode pagar o zelo despendido:
Não é consigo que eu poderia sonhar,
Se com nova escolha eu quisesse me vingar.

ARSINOÉ

Ah! E crê, meu senhor, que eu assim pensava,
E que era por tê-lo que eu me interessava?
Vejo que é espírito pleno de vaidade,
Se a isso o levou sua credulidade.
O refugo da senhora é mercadoria
Que a quem o quisesse grande mal faria.
Enganou-se. Busque algo menos exaltado:
Não de gente como eu está necessitado;
É bom continuar a suspirar por ela,
Mal posso esperar por parceria tão bela.

(Ela sai.)

ALCESTE

Fiquei calado, apesar do que me mostraram.
Antes de mim, porque deixei, todos falaram:
Por tempo bem longo soube me controlar;
Será que agora...

CÉLIMÈNE

De tudo pode falar:
O senhor tem direito, nas queixas que tiver,
De a mim condenar o tanto que quiser;
Agi mal, eu confesso, e minh'alma confusa
Não pretende ofertar-lhe qualquer vã escusa.
A irritação dos outros eu menosprezei,
Porém contra o senhor confesso que pequei.
O seu ressentimento, eu sei, é razoável:
E sei o quanto eu lhe pareço condenável,
Que traição no que eu disse é fácil encontrar,
E que portanto tem razão pra me odiar.
Pois odeie, permito.

ALCESTE

Permite, traidora?
Que a ternura que sinto eu derrote, agora?
E mesmo que eu quiser com ardor a odiar,
Meu coração estará pronto a concordar?

(A Éliante e Philinte.)

Estão vendo o que pode uma fraca afeição,
Testemunhos de minha fraqueza os dois são.

Mas isso, na verdade, não é tudo, ainda,
E me verão cair numa baixeza infinda,
E é grande erro que por sábio nos tomem,
Se em todo coração está, no fundo, um homem.
Sim, quero, traidora, seus erros esquecer;
Seus crimes, a minh'alma chega a desfazer
Com o nome de fraqueza eu os cobriria,
Porque fez o que em seu mundo se fazia.
Mas só se as suas mãos às minhas for ligar,
No plano que fiz pra dos homens me afastar,
E se no meu deserto, onde jurei viver,
De me seguir, agora, vontade tiver:
Pois é somente lá, depois do que foi dito,
Que poderá sanar o que ali foi escrito,
E após todo esse horror que odeia o coração,
Pra insistir em amá-la eu terei permissão.

CÉLIMÈNE

Ao mundo, antes de velho, quer renunciar,
E nesse seu deserto inda quer me enterrar!

ALCESTE

Se corresponde a este meu amor a fundo,
Por que há de importar-se com o resto do mundo?
Seus desejos comigo não estão satisfeitos?

CÉLIMÈNE

A solidão assusta vinte anos feitos:
Minha alma não é assim tão grande e forte,

Para achar que esse plano seja a minha sorte.
Se conquistar-me a mão contenta os seus ardores,
Eu concordo em, com ela, ceder tais favores;
E a boda...

ALCESTE

Não; meu coração ora a detesta,
E essa recusa vale mais do que o que resta.
Já que não 'stá disposta, em laço doce assim,
Como eu encontro em si, encontrar tudo em mim,
Pode ir, a recuso, e do peso tão raro
Dos ferros que me prendem, hoje me separo.

(Célimène se retira, Alceste fala a Éliante.)

Cem virtudes, ou mais, adornam sua beleza,
E nunca eu vi em si senão pura franqueza;
Sempre tive, por si, um imenso respeito,
Que continue, então, como sempre foi feito;
Conceda que o meu coração, tão agitado,
Não esteja, para os seus dotes, preparado:
Sinto-me muito indigno, e mal começo a ver
Que pr 'este liame o céu não me fez nascer;
Seria para si homenagem passada
O resto de um coração que não vale nada;
Enfim...

ÉLIANTE

Pode seguir com esse pensamento:
Minha mão de se dar não tem constrangimento;

E eis aqui seu amigo, que sem se inquietar
Poderá, se eu lhe pedir, a aceitar.

PHILINTE

Essa honra, senhora, sempre foi querida,
E por ela eu daria o sangue e até a vida.

ALCESTE

Possam os dois, para gozar contentamento,
Um por outro guardar, pra sempre, o sentimento!
Vítima da injustiça, e por todos traído,
Eu vou sair de um poço onde o vício é querido,
E buscar pela terra um cantinho isolado,
Onde há liberdade pr'um homem honrado.

PHILINTE

Senhora, todo o possível vamos buscar,
Pra impedir o caminho que ele quer tomar.

CRONOLOGIA: VIDA E OBRA DE MOLIÈRE

1622: Nascimento de Molière, de batismo Jean Baptiste Poquelin, primogênito do estofador Jean Poquelin e de Marie Cressé. O casal terá mais cinco filhos.

1631: O pai de Molière se torna criado de quarto e estofador do rei.

1632: Morte da mãe de Molière, Marie Cressé.

1635: Começa os estudos no Collège de Clermont (Lycée Louis-le- Grand).

1636: O pai de Molière consegue para o filho a herança da posição de estofador do rei.

1641: Termina os estudos, obtendo o diploma em Direito. Frequenta círculos intelectuais formados por artistas. Luís XII decreta o restabelecimento da profissão de ator.

1643: Renuncia ao direito de suceder o pai, e recebe herança do espólio da mãe. Molière funda o grupo Illustre Théâtre com Madeleine, Joseph e Geneviève Béjart e alguns outros jovens artistas.1644: O grupo, instalado primeiro no Jeu de Paume des Mestayers, depois no Jeu de Paume de la Croix Noire, em Paris, não consegue sucesso e contrai dívidas. É nesse ano que Jean Baptiste Poquelin adota o pseudônimo Molière.

1645: É preso por conta das dívidas, mas solto em seguida. O Illustre Théâtre viaja para a província, apresentando-se em diversas cidades e representando as primeiras peças de Molière.

1648: Molière entra para o grupo de Dufresne.

1653: Dufresne passa a liderança do grupo para Molière.

1658: Após viajar por mais de uma década pelo interior da França, o grupo volta a Paris, agora sob a proteção de *Monsieur*, o irmão do rei, e faz a primeira apresentação para a corte com o nome de Troupe de Monsieur. Luís XIV dá ao grupo o direito de se apresentar no Théâtre du Petit-Bourbon, alternando com os Comédiens Italiens.

1659: Primeiro sucesso de Molière, com *As ridículas preciosas.*

1660: Demolição do Petit-Bourbon para ampliação do Louvre. O rei concede à Troupe de Monsieur o uso do auditório do Palais Royal.

1661: A escola de maridos.

1662: *A escola de mulheres.* Molière se casa com Armande Béjart, sobrinha de Madeleine.

1663: Críticas pesadas a *A escola de mulheres* e primeiros ataques a Molière. Molière recebe pensão real como "grande talento e poeta cômico".

1664: *Tartufo.* A peça causa escândalo e é proibida de ser encenada em público. Nascimento do primeiro filho de Molière, que viria a morrer poucos meses depois.

1665: *Dom Juan.* A companhia é adotada por Luís XIV como Troupe du Roi. Nascimento de Esprit-Madeleine, filha de Molière, a única dos três filhos que sobreviverá ao pai.

1666: *O misantropo*, com o autor no papel de Alceste e Armande Béjart no de Célimène. *Médico a força.* Primeira edição das obras de Molière.

1667: Originalmente escrita em três atos, *Tartufo* é reencenada em público pela primeira vez após sua proibição, agora com cinco atos. A peça é proibida de novo no dia seguinte à apresentação inicial pelo presidente do Parlamento de Paris com apoio da igreja.

1668: *O avarento. George Dandin.*

1669: Retirada da proibição a *Tartufo.* A nova versão, também com cinco atos, é um enorme sucesso de público. Morte do pai.

1670: O burguês fidalgo.

1672: *As sabichonas.* Nascimento e morte do terceiro filho de Molière.

1673: Estreia de *O doente imaginário*, última peça de Molière. Na quarta apresentação, desmaia no palco, vindo a morrer em casa na mesma noite. A igreja recusa-lhe um enterro religioso, que acaba sendo concedido após intervenção do rei, por pedido de Armande Béjart.

Copyright da tradução © 2014, Barbara Heliodora

Copyright desta edição © 2014:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 - 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial
Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: março 2014
ISBN: 978-85-378-1205-1